

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

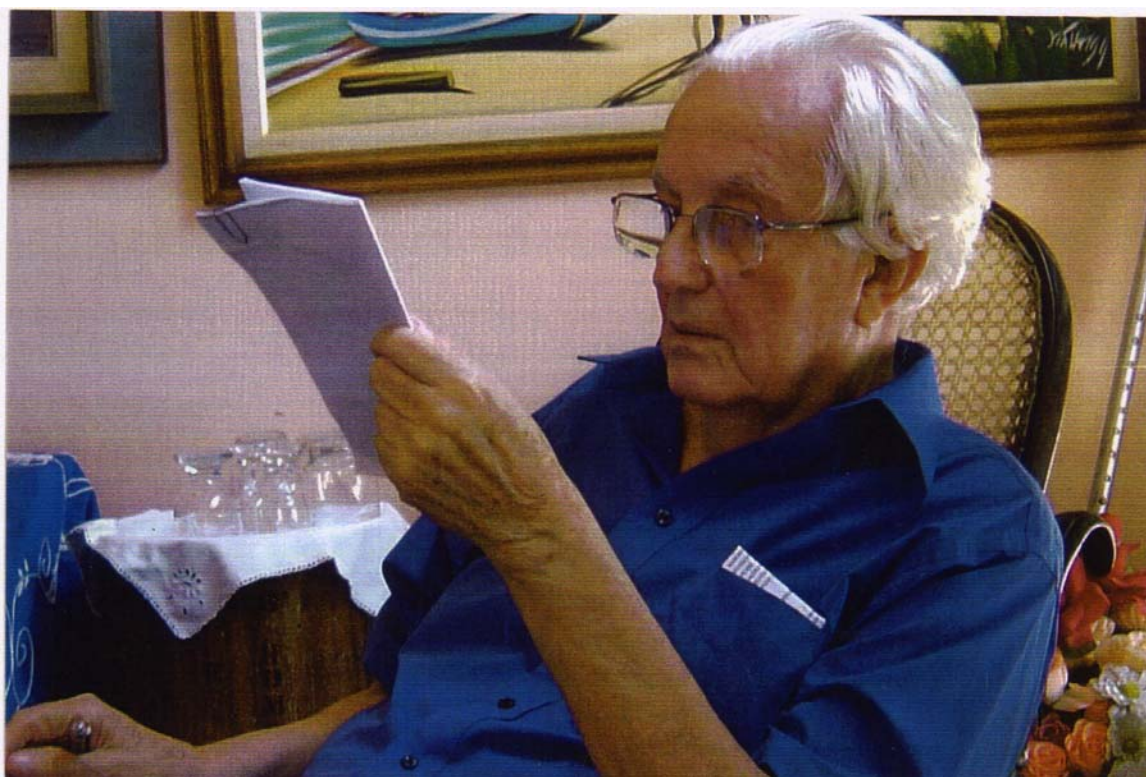
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

O TEMPO NA OBRA POÉTICA DE WALDEMAR LOPES

ANA CLAUDIA MEDEIROS SOARES

RECIFE - 2005

Poeta
Waldemar
Lopes



O TEMPO NA OBRA POÉTICA DE WALDEMAR LOPES

ANA CLAUDIA MEDEIROS SOARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

O TEMPO NA OBRA POÉTICA DE WALDEMAR LOPES

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, como requisito para obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura, sob a orientação da Prof^a Dra. Luzilá Gonçalves Ferreira.

RECIFE – 2005

Soares, Ana Claudia Medeiros
O Tempo na Obra Poética de Waldemar Lopes /
Ana Claudia Medeiros Soares. – Recife: O autor,
2005.
103 folhas: il, foto.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CAC, Teoria da Literatura, 2005.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Teoria da Literatura – Texto Poético. 2 Tempo –
Teorias Filosóficas – História. 3. Poesia – Waldemar
Lopes – Visão do Passado e Presente – Reminiscências.
4. Transitoriedade do Tempo – Finitude da existência humana.
Título.

82.09
809

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

UFPE
BC2005 - 123

Ana Claudia Medeiros Soares

O tempo na obra poética de Waldemar Lopes

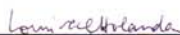
Dissertação de mestrado apresentado ao
Programa de Pós-graduação em Letras e
Linguística da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para obtenção do
grau de mestre em Teoria da Literatura.

Aprovada em 10-03-2005

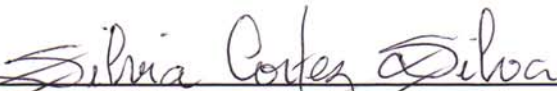
Banca Examinadora



PROFª DRA. LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA - Universidade Federal de Pernambuco



PROFº DR. LOURIVAL HOLANDA - Universidade Federal de Pernambuco



PROFª DRA. SILVIA CORTEZ - Universidade Federal de Pernambuco

RECIFE - 2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Senhor da minha vida, e a Jesus Cristo, meu Salvador, pela realização deste trabalho e por mais uma etapa concluída na área profissional.

Aos meus pais, Raimundo Soares e Maria da Glória M. Soares, pelo apoio, consolo e zelo.

Ao meu irmão Paulo Henrique pelo companheirismo e atenção.

Ao meu noivo Maristone Sedícias pela dedicação e apoio extremado na difícil fase de elaboração da dissertação.

Sincera gratidão ao esteta da palavra e poeta maior Waldemar Lopes, sem o qual esta dissertação não seria possível.

Agradeço a professora e orientadora dra. Luzilá Gonçalves Ferreira pela confiança em mim depositada e pela ajuda inestimável na elaboração deste trabalho.

Agradecimento ao mentor e professor dr. Lourival Holanda pela condução aos caminhos da Arte Literária.

A todos os amigos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho.

Dedico o presente texto dissertativo aos professores da UFPE, cuja orientação e estímulo contribuíram imensamente à minha formação acadêmica e pessoal, além do despertar para a maior de todas as artes: a Literatura.

*Sentimento do tempo: ei-lo presente.
A dor do mundo, em signo convertida,
desfaz o sonho; e a âncora da vida
retém do que passou a aura inclemente.*

Waldemar Lopes

RESUMO

O presente texto dissertativo tem por objetivo a análise da poética de Waldemar Lopes sob a perspectiva da temática temporal. Dada a extensão de sua produção literária, restringimos nossa pesquisa à obra *Cinza de Estrelas* (2001), por esta ser representativa do tema em sua poesia. No decorrer do trabalho, a pesquisa nos levou a esclarecer como o tempo é abordado pela obra do poeta, desde as reminiscências, a memória, a presentificação, o fenômeno da rememoração à efemeridade do tempo e a conseqüente consciência da morte que se aproxima. Em síntese, procuramos averiguar como o tempo difundido em múltiplas nuances apresenta-se em *Cinza de Estrelas*.

ABSTRACT

The present dissertation text has for its objective an analysis of the poetry of Waldemar Lopes from a temporal theme perspective. Given the extension of his literary production, we restrict our study to the *Cinza de Estrelas* (2001), for it is representative of theme in his poetry. In the process of the work, the study enable us to clarify how time is dealt by the poet through reminiscings, memory, feeling, the phenomenon of recording the incessant passing of time, and the consequent consciousness of death that each day brings closer. In summary, we are seeking to discover how the widely used time in its many nuances presents in *Cinza de Estrelas*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.0 - UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO	17
2.0 - RELEMBRANÇAS DE UM TEMPO ADORMECIDO	36
2.1 A Infância Recuperada pela Poesia	39
2.2 A Poética de Waldemar Lopes: um canto de exaltação ao passado e à memória	43
2.3- O Passado no Presente: a presentificação na obra poética de Waldemar Lopes	49
2.4- O Tempo Experiencial em <i>Cinza de Estrelas</i>	53
3.0 - UMA VISÃO DO TEMPO EVANESCENTE	57
3.1 – O Homem: esse ser-para-a-morte	62
3.2- A Angústia do Ser Vem da Fugacidade de Tudo	67
3.3 - O Tempo Transitório e a Experiência da Morte da Alteridade	72
CONCLUSÃO TEMPORÁRIA	80
BIBLIOGRAFIA	84
ANEXOS	91

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, o homem é governado pelo tempo; em nenhum outro momento da história, a noção do tempo influenciou e determinou com tamanha intensidade, a vida social e particular dos indivíduos como atualmente.

Somos instigados a viver em concorrência com o tempo visto que todas as nossas atividades são elaboradas em função dele, não nos é permitido ‘perder tempo’, ‘pois tempo é dinheiro’, e, constantemente, observamos que ‘não há tempo’. Essas são algumas das expressões que ilustram a obsessão do homem contemporâneo com o tempo, tempo esse concebido como físico, exterior ao indivíduo, mensurável por relógios e outros medidores que atestam a sucessão dos instantes, horas e dias.

No entanto, esse não é o aspecto do tempo mais significativo para a humanidade, embora tenha tornado-se prioridade do ponto de vista do cotidiano na sociedade. A análise dos pensadores com relação à temporalidade aponta para uma outra perspectiva, ou seja, a noção do tempo interior, valorativo, relativo à experiência individual.

Essa concepção temporal imprimiu um novo aspecto formal e temático à literatura, cujos autores compreenderam o fenômeno do tempo como intrínseco ao homem e ao seu tecer literário. Adam Mendilow diz a respeito da ficção, e nós estendemos a toda obra literária que *“O tempo afeta qualquer aspecto da ficção: o*

tema, a forma e o médium – a linguagem.” (1972; p. 35), ou seja, o tempo é determinante em toda composição literária.

Nas literaturas moderna e contemporânea, é predominante a inscrição do tempo não apenas como tema, mas como aspecto formal dos textos literários. O tempo inserido no discurso literário atua como instaurador de uma nova feição à literatura, em que a discussão sobre o tempo, seja também discussão sobre a arte e, sobretudo, sobre a interioridade do indivíduo.

É nessa perspectiva, isto é, o tempo como inerente ao ser do homem e a sua arte que analisaremos a poética de Waldemar Lopes, centrada na temporalidade. Sendo esse o objeto do presente trabalho. Para isso investigaremos como o tempo, difundido em múltiplas nuances se apresenta em *Cinza de Estrelas* (2001).

O autor de *Cinza de Estrelas*, nascido em 1911 no município de Periperi (interior de Pernambuco), produziu uma obra que revela extremo zelo à arte poética, cujo texto surpreende pela densidade conteudística, além de extraordinária riqueza imagética e vocabular.

O labor poético de Waldemar Lopes, de extremo rigor formal, demonstra sua concepção do fenômeno estético, como me revelou em recente entrevista ‘*Não concebo arte sem disciplina*’ (Agosto de 2003). É essa atitude que o mantém afastado do experimentalismo na linguagem, vigente na primeira fase do Modernismo, corrente literária contemporânea à publicação de seu primeiro livro, *Legenda* (1929) aos 18 anos.

Um dos motivos que nos instiga a refletirmos sobre o discurso de Waldemar Lopes é a singularidade de sua expressão poética, concretizada na

forma rígida do soneto, aliando apuro lingüístico a recursos como metalinguagem, intertextualidade e criação de neologismos, unindo desse modo, tradição e modernidade.

Todavia, engana-se quem pensa que o soneto foi a única forma fixa poética empregada por W. Lopes. Profundo conhecedor de modelos tradicionais usou em expressão singular, o rondó, o rondel e a balada, essa última permeia sua obra inicial, *Legenda*. Porém, é a partir da sua segunda obra, *Sonetos do Tempo Perdido*, publicado em 1971, portanto, 42 anos após *Legenda*, que o soneto ocupará proeminência em sua obra.

O poeta Waldemar Lopes situa-se cronologicamente e, podemos dizer, ideologicamente na geração de 45, ao lado de Lêdo Ivo, Domingos Carvalho Silva, Péricles Eugênio dentre outros. Em entrevista a mim concedida (Agosto; 2003), o poeta Waldemar Lopes faz as seguintes considerações sobre a relação de seu trabalho poético com a geração de 45:

— A arte precisa de vigor, de disciplina. A geração de 45 redimiui os modernistas das injustiças contra os clássicos, com o cânone literário. A nossa geração reavivou o soneto.

Podemos perceber nessas declarações, a síntese ideológica da geração 45 marcada pelo retorno ao rigor formal, pelo reavivamento de formas poéticas fixas resultando em primoroso apuro lingüístico.

No decorrer de sua produção literária, Waldemar Lopes abordou inúmeros temas, centrando-se sobretudo nas questões sobre a existência e a inelutável certeza da morte. Já a temática da temporalidade percorre toda sua obra, seja em alusão às reminiscências de um passado longínquo, seja referindo-

se ao passado visto sob a ótica do presente ou ainda, o evanescer do tempo fugaz.

Podemos afirmar então a inegável necessidade de uma investigação sobre um poeta que desvela a condição humana sob a perspectiva da temporalidade.

O que nos motivou o estudo crítico da poética de Waldemar Lopes foi a não existência de um trabalho crítico-analítico sobre sua poesia, o que nos causa estranhamento, dada a relevância de sua obra não apenas no contexto da Literatura Pernambucana, como no da Literatura Brasileira.

É com o objetivo de analisarmos como o tempo apresenta-se na obra poética de Waldemar Lopes que utilizaremos como esteio teórico obras que investigam a problematização da temporalidade, englobando concepções filosóficas e literárias. Dentre elas, destaca-se *O Tempo na Literatura* de Hans Meyerhoff, pela investigação filosófica e abrangência temática, com relação à questão do tempo.

Outra obra fundamental à nossa análise do tempo na poesia waldemariana é o volume ensaístico *O Tempo e o Romance* de Adam Mendilow. Em sua obra, Mendilow tece significativas considerações sobre os aspectos temporais na escritura literária, além de explicitar sobre o tempo subjetivo, particular ao indivíduo, denominado por ele de psicológico, bem como, acerca da efemeridade do tempo.

A obra *Ser e Tempo*, do filósofo Martin Heidegger, é indispensável ao estudo do tempo relacionado ao ser do homem. Heidegger tematiza o homem como ser temporal e, como tal, sua existência é determinada pelo tempo, seu

viver é um caminhar em direção à finitude, enfatizando a efemeridade do tempo e a brevidade da vida, temas centrais da poética de Waldemar Lopes.

Em *O Tempo na Narrativa* de Benedito Nunes, deparamo-nos novamente com uma análise do tempo transitório que o autor denomina “a *marcha do tempo fugaz*”, revelando a influência das teorias de Heidegger na análise que Benedito faz do tempo na literatura.

A obra crítica *O Tempo dos Tempos*, organizada por Márcio Doctors, reúne ensaios de teóricos de diversas áreas do saber; dentre elas, filosofia, arte, comunicação, física, história, tendo o tempo como crivo central de reflexão, mas aqui interessa-nos, principalmente, os estudos de orientação filosófica e histórica sobre a temática.

Além das obras acima explicitadas, outros volumes, não menos relevantes, subsidiarão nossa dissertação, são eles: *O Tempo no Romance* de Jean Pouillon, *O Ser e o Tempo da Poesia* de Alfredo Bosi, *A Plenitude da Linguagem – teoria da poeticidade* de Jean Conhen, dentre outros.

A metodologia a ser utilizada em nossa pesquisa será de cunho crítico-analítico com relação às teorias da literatura e da filosofia, visando com isso uma leitura hermenêutica da poesia Waldemar Lopes.

O presente trabalho se dividirá em três partes: primeiro capítulo: **Uma Breve História do Tempo**, numa alusão à célebre obra do cientista Stephen Hawking. Neste será analisado como o tempo foi visto ao longo da história por inúmeros filósofos e como esses concebiam o fenômeno temporal, bem como quais suas principais teorias acerca deste. Além disso, teceremos breves considerações sobre o tempo na literatura, e sua recorrência na ficção e poesia

contemporâneas, finalizamos o capítulo enfatizando a pertinência da temática temporal na poética de Waldemar Lopes.

No segundo capítulo **Relembrações de um Tempo Adormecido**, será explicitado como o tempo passado apresenta-se na poesia waldemariana, ora nas rememorações da infância, ora na busca por um tempo que não mais existe e sua sublimação em objeto estético. Outro tema a ser esclarecido no capítulo é a presentificação, ou seja, como o tempo passado trazido de volta pela memória com a densidade do presente, manifesta-se nos versos do poeta. Ainda neste, será analisado como se dá o tempo experiencial, relativo à memória afetiva.

No último capítulo: **Uma Visão do Tempo Evanescente**, alusão a um verso de Waldemar Lopes, será explicitado como o poeta aborda temas fundamentais à existência humana; como a transitoriedade do tempo, a fugacidade da vida e sua repercussão na subjetividade: a angústia. Angústia de quem se sabe impotente frente ao transcorrer do tempo, reconhecendo a morte como inerente ao viver. Finalmente, no último sub-tópico veremos como o poeta concebe a morte do outro e a significação dessa para a subjetividade.

Na **Conclusão**, retomaremos alguns aspectos relacionados às idéias por nós defendidas no corpo do texto, seja sobre o tempo, e evanescência, a angústia e a morte na poesia de Waldemar Lopes.

Encerramos nosso trabalho com os **Anexos**, nos quais constam os poemas que foram transcritos incompletos (apenas uma estrofe ou tercetos), além dos poemas citados no último capítulo, como exemplos de textos que retratam a morte e a brevidade da vida.

1. 0 UMA BREVE HISTÓRIA DO TEMPO.

Que é pois o tempo? Quem poderia explicá-lo de maneira breve e fácil? (...) Que é pois o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga já não sei.

Agostinho de Hipona

*Tempo intemperante.
Que semente tem o tempo?
E o tempo o que é?*

Lúcio Ferreira

O tempo constitui fonte de inquietantes reflexões e significativas teorias em diversas áreas do conhecimento humano. Em toda a sua existência, o homem questiona-se sobre o tempo e a exemplo de Agostinho, sente o seu transcorrer no mundo físico, interpreta-o à luz de suas vivências e reconhece-o em seu próprio desenvolvimento biológico e intelectual, contudo não é capaz de defini-lo.

Inúmeros pensadores almejaram conceituar o tempo, ou pelo menos, apreender o seu sentido na experiência humana. É o que a imensa bibliografia sobre o tema, seja ela literária ou filosófica nos revela; o tempo como um enigma que desafia a todos que desejam enquadrá-lo em um mero conceito.

No ocidente os gregos, reconhecidamente, foram os primeiros a investigar o fenômeno do tempo em toda sua diversidade, de modo que produziram um léxico que possibilita a apreensão de diferentes aspectos relativos à temporalidade. Pode-se dizer que os gregos nomearam o tempo, atribuindo-lhe distintas noções, e assim, criaram um campo semântico, capaz, senão de abarcar toda a multiplicidade dos fenômenos temporais, suficiente para ilustrar as categorias do tempo pertinentes à experiência humana no seu momento histórico.

Eis algumas das expressões consolidadas pela tradição que revelam como os gregos antigos concebiam o tempo:

Aion – Traduzido por tempo, como observa Ivan Domingues, designa a duração da vida, a idade ou geração. Em Heráclito, a expressão *Aion* parece indicar tempo como “*acaso, jogo, brincadeira, reinado de criança*”, como explica Márcio d’Amaral no artigo ‘Sobre Tempo: Considerações Intempestivas’ in *Tempo dos Tempos* (2003; p. 25). Em Platão o termo simboliza a eternidade.

Kairós – Expressão muito usada pelos sofistas. Define o momento oportuno de realizar algo, um momento crucial, privilegiado para efetivar alguma ação.

Kronos – Representa o tempo, a duração longa ou breve, “*em ambos os casos, trata-se de resistência no passar*” (D’AMARAL in *Tempo dos tempos* 2003; p. 26). Ou ainda, “*os intervalos de tempo em seus diferentes aspectos*” (DOMINGUES, 1996; p. 29). Outra corrente considera Kronos como o tempo que consome a tudo e a todos, “*o deus que engole seus próprios filhos*” (DOMINGUES, 1996; p. 31).

Hóra – Na concepção grega, hora indicava “as estações do ano, seja o momento que convém a uma ação ou a uma atividade, como o momento de fazer um relato ou um tempo do casamento.” (DOMINGUES, 1996; p. 31).

Ephemérios e Epheméros – Significa “*o que dura um dia*” (DOMINGUES, 1996; p. 31), além disso atribui-se a ephemérios a noção, mais próxima a nós, de tudo que é transitório, fugaz.

Êmar – Citada por Homero, designa um dia.

Ethos- Radical do termo ética. Utilizada, conforme explica Márcio D’Amaral, por Heráclito na célebre expressão: *ethos anthropou*, equivaleria a dizer, segundo o autor, que o homem constitui a morada do extraordinário. *Ethos* significa morada; o lugar em que a pessoa permanece. Desse modo “*essa palavra*

deixa entrever que habitação, e portanto demora no lugar próprio, é também uma concepção da temporalidade” (D'AMARAL in *Tempo dos Tempos*, 2003; p. 26).

Tais expressões compõem um significativo painel da representação temporal para a cultura grega. Embora alguns desses termos e, conseqüentemente, algumas das concepções ilustradas por esses tenham desaparecido no ‘tempo’, a maioria delas perduram até o presente, seja em estudos analíticos, seja no senso comum sobre a temporalidade, contribuindo dessa forma para elucidar o fenômeno do tempo.

É impossível datar ou precisar o primeiro pensador a refletir sobre o tempo, não obstante, sabe-se que o filósofo pré-socrático Anaximandro, na tentativa de explicitar a origem do elemento primeiro ou *arché*, desenvolveu o conceito do “*Apeíron - ilimitado, infinito, eterno*” (SIQUEIRA,1999; p. 97), como sendo este elemento. Anaximandro enfatiza também o poder do tempo que a tudo faz fenecer, como observa, Paul Ricouer em *Tempo e Narrativa – Tomo III “no qual as alternâncias das gerações e das corrupções se vêem sujeitas à ordem do tempo”* (1997; p. 26).

Anaximandro, numa sentença considerada a mais antiga do pensamento ocidental, enfatiza que todas as coisas existentes têm o seu surgir e o seu desaparecer segundo a ordem do tempo, explicitando que o declínio, a degeneração, assim como, o nascimento e o vigor, são inerentes à existência dos seres na natureza.

Um outro filósofo pré-socrático que será fundamental para se analisar o tempo é Heráclito, reconhecido como sendo o primeiro a discutir os aspectos concernentes à temporalidade. Heráclito fundamenta-se na observação dos fenômenos naturais, ainda que sua reflexão sobre o tempo esteja relacionada ao

movimento – atrelando o mover ao tempo. Dessa concepção resulta a teoria do eterno fluir, do fluxo contínuo do tempo, como explicita seu célebre fragmento “*um homem não se banha duas vezes num mesmo rio*”, porque a cada vez banhado, nem as águas são as mesmas, nem o homem é o mesmo. Tudo é mutável, tudo é passível de mudança, inclusive nós. Essa parece a assertiva encerrada por Heráclito – o filósofo do movimento.

Em Platão, o tempo correspondia à “*imagem móvel da eternidade*” (1997; p. 53) corroborando com sua concepção de um tempo cíclico, de um eterno retorno, como observa o professor Hélio Jaguaribe no artigo ‘Tempo e História’ in *Tempo dos Tempos* “*Este (o mundo) e o tempo seguiriam uma trajetória cíclica, marcada por um período positivo, regulado pelos deuses, e um período de declínio, quando era guiado por suas próprias forças.*” (2003; p. 159).

Para o mestre de Aristóteles, o tempo, criação de um artífice denominado por ele de Demiurgo (artesão ou aquele que produz), consistia na alma do mundo e envolvia todas as coisas nele. A partir de Platão no seu *Timeu*, a expressão ‘*estar no tempo*’ adquire singular sentido, pois segundo ele, o tempo nos circunda e nos envolve.

A concepção platônica do tempo retrata este como eterno, “*o tempo nasceu com o céu*” (PLATÃO, 1977; p. 54). Para Platão, conforme esclarece Hélio Jaguaribe, “*O tempo existe em função da eternidade*” (2003; p.159) o que é atestado pelo próprio filósofo, “*e no mesmo tempo em que (demiurgo) organizou o céu, fez da eternidade que perdura na unidade essa imagem eterna que se movimenta de acordo com o número e a que chamamos tempo.*” (PLATÃO, 1977; p. 53). Em síntese, o tempo em Platão, assim como em seu discípulo Aristóteles, é concebido como tempo físico no qual os corpos celestes e todo o

mundo se movimentam. Há, portanto, no pensamento platônico uma visão naturalista e por vezes objetiva do tempo.

Aristóteles também relaciona o movimento astronômico com a medição do tempo, como podemos observar na *Física*, seu tratado sobre o tempo “*Isto, pois, é o tempo: número do movimento segundo o anterior e o posterior*” (1977; p. 38). Para o estagirita “*O tempo parece ser sobretudo um movimento e um tipo de mudança*” como explica Fernando Puentes em sua obra *Os Sentidos do Tempo em Aristóteles*. (2001; p. 139).

Compreendendo por movimento “*a mudança que pode afetar um indivíduo superficialmente ou tão profundamente a ponto de levá-lo à morte, como também o sentido de deslocação*” (PIETRE, 1997; p. 20), o filósofo atrela a existência do tempo ao movimento, isto é, apenas com a mudança ou movimento o tempo pode ser captado. Desse modo, para Aristóteles o tempo não pode existir dissociado do movimento.

Tão complexa quanto a concepção de movimento, a expressão *número*, que segundo Aristóteles mede o movimento, merece maior atenção e, mais uma vez, Fernandes Puentes esclarece-nos:

Note-se, entretanto, que o número, para Aristóteles, não existe separadamente das coisas de que é abstraído, tal qual o tempo não existe separadamente de um movimento por ele numerado. Em outras palavras, no caso de Aristóteles não estamos diante de uma posição idealista, (como será mais tarde a posição de Kant). (2001; p. 49).

E, posteriormente, conclui a respeito do ser em número que para o Filósofo grego consiste o tempo:

Se ser em número significa ser numerado por um número, logo ser no tempo significa para um ente físico qualquer, ter seu movimento numerado pelo tempo, que é precisamente número do movimento. (2001; p. 59).

Segundo Puentes, o pensador grego acredita que “*esse número com que numeramos o movimento é precisamente o tempo*” (PUENTES, 2001; p. 62).

Aproximadamente seis séculos depois de Aristóteles, o filósofo Plotino questiona as afirmações desse sobre o tempo, objetando que o tempo não pode ser um “*número ou medida do movimento segundo o anterior e o posterior*”, visto que tanto a medida do movimento, quanto os conceitos, anterior e posterior são ambas concepções temporais, conforme explica-nos o filósofo francês Bernard Pietre em sua obra *Filosofia e Ciência do Tempo*:

Pretender que o tempo seja o número do movimento, é reconhecer que infinitamente que o tempo é uma medida do movimento que se desenvolve no tempo, ou ainda que o tempo mede o tempo (...) Segundo Plotino dizer que o tempo é um número é confundir o numerado com o numerante, o que é medido com o que mede. (PIETRE, 1997; p. 25).

Em consonância com a afirmação de Pietre sobre ‘o tempo ser o número com o qual se indica o tempo’, o estudioso de Aristóteles, Fernando Puente postula:

O fato de que o tempo jamais venha a ser enumerado entre os sentidos comuns nas diversas ocasiões em que Aristóteles os cita, parece ser uma prova contundente de que ele não é um sensível comum tal qual o número ou o movimento. (2001; p. 261).

O teórico Hélio Jaguaribe afirma que o autor de *Enneadas*, Plotino, “*via no tempo a vida da alma em movimento, conforme passe de um estado ou ato da experiência para outro.*” (2003; p. 156).

Na mesma linha de análise, caminha o filósofo Ivan Domingues acerca do tempo em Plotino, “*O põe junto da alma, para falar de sua invisibilidade, de sua incorporeidade e de sua vanidade, na extensão da queda e da privação do ser.*” (1996; p. 81).

Plotino concebe o tempo como interno ao homem; para ele, o tempo é essência subjetiva. *“O tempo é consequência da marcha inacabada do espírito que anima o mundo (...) É pois a separação do espírito que leva à recuperação do tempo”* (PLOTINO, 2000; p. 45). A visão do tempo em Plotino consiste em considerá-lo como inerente ao espírito humano, isto é, para ele, o tempo existe para e pelo espírito.

Já Aristóteles em sua **Física** admite em sua investigação do tempo físico relacionado ao movimento, que o tempo é apreendido pela alma. Como explica Paul Ricouer:

o argumento baseia-se numa característica da percepção do tempo, a saber, a distinção pelo pensamento de duas extremidades e de um intervalo; alma, a partir daí, declara que há dois instantes e os intervalos delimitados por esses instantes podem ser contados”. (1997; p. 25).

A esse respeito observa Fernando Puentes:

Mas segundo Aristóteles, o tempo não existe sem o espírito, não existe fora da alma, ao contrário do movimento. Se o tempo é um número, ele não pode então existir sem a alma que o numera. Para que uma coisa seja numerada ou simplesmente numerável, é necessário existir um ser que o numere. (1997; p. 22).

Tais reflexões sobre o tempo relacionado à subjetividade, particularmente as formuladas por Plotino, influenciaram o filósofo cristão do século IV, o Bispo de Hipona - Aurelius Augustinus - conhecido como Santo Agostinho.

A temática temporal que tanto entusiasmou pensadores, não passaria despercebida por Santo Agostinho, profundo investigador da experiência humana, que em seu volume *Confissões* dedica os livros X e XI, à reflexão sobre a memória e sobre o tempo: *“Grande é o poder da memória! E ela tem algo de*

temível meu Deus, em sua complexidade infinita e profunda” (2003; p. 227) e ainda “*Que é pois o tempo? Quem pode explicá-lo de maneira breve e fácil? Quem pode concebê-lo, mesmo no pensamento, com bastante clareza para exprimir a idéia com palavras?*” (2003; p. 267).

Santo Agostinho difere da concepção aristotélica acerca do tempo em relação com o movimento, afirmando que:

O movimento de um corpo é diferente da medida de sua duração (...) Se um corpo se move de forma irregular, e outras vezes se detém, ora é o tempo que nos permite medir, não apenas seu movimento, mas também seu repouso (...) O tempo não é pois a mesma coisa que o movimento. (2003; p. 277).

Ao criticar a tese aristotélica do ‘tempo como medida/número do movimento segundo o anterior e o posterior’, Santo Agostinho¹ combate a tradição de associar o tempo à captação do movimento, pois por tal concepção, tudo que estava inerte, ausente de movimento não existiria no tempo. Para ele “*Se um corpo se move de forma irregular, e outras vezes se detém, ora, é o tempo que nos permite medir, não apenas seu movimento, mas também seu repouso,*” (2003; p. 277) e postula “*ficou em repouso por tanto tempo quanto em movimento – ou então: ficou em repouso duas, três vezes mais do que em movimento –*”. (ibidem). Portanto, “*O tempo não é a mesma coisa que o movimento*” (ibidem).

Em *Confissões*, o filósofo medita sobre as concepções temporais de presente, passado e futuro e conclui:

É impróprio dizer que há três tempos, passado, presente e futuro; talvez fosse mais correto dizer o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro (...) O presente do passado é a memória, o presente do presente é a percepção direta, o presente do futuro é a esperança. (2003; p. 273).

¹ O teórico Paul Ricouer, no terceiro volume de *Tempo e Narrativa* realiza uma investigação do tempo em Aristóteles e Agostinho, comparando as concepções de tempo por eles apresentadas.

Podemos compreender então o tempo em Agostinho como presença de coisas passadas, presença de coisas presentes, e presença de coisas futuras, ou seja, uma relação profunda com a memória, com o tempo presentificado, e com a abertura da existencialidade enquanto expectativa.

Desse modo Agostinho em sua instigante teoria sobre os tempos, passado, presente e futuro, explicita como a percepção humana capta a temporalidade e define passado como a presença do que já se foi, cuja recuperação dá-se através da memória; presente como visão, e futuro como expectativa do porvir. Tal análise norteou, séculos depois, pertinentes estudos sobre o tempo e sua relação com a subjetividade, como os trabalhos dos filósofos Bergson e Heidegger.

Na Era Moderna, vários pensadores teceram considerações sobre o tempo, investigando seus aspectos físicos, relativos à natureza e exteriores à vivência humana. Dentre esses, citamos dois filósofos de orientação racionalista, Galileu e Descartes.

Como afirma Siqueira Abrão, Galileu propõe uma mudança na compreensão do movimento, *“ele o relativiza, definindo-o como deslocamento de uma coisa a outra.”* (1999; p. 193). Por conseguinte, a visão de Aristóteles do tempo subjacente ao movimento é questionada. Para Galileu o tempo torna-se independente do movimento.

Segundo o físico contemporâneo Alberto Oliveira, em seu artigo ‘Imagens do tempo’ in *Tempo dos Tempos*, *“Galileu operou uma transmutação fundamental; de sintonia ou efeito do movimento, o tempo exteriorizava-se, passava a ser uma referência exterior...O tempo libertava-se do movimento”* (2003; p. 46). assim sendo, o tempo exterioriza-se com Galileu.

Já o filósofo René Descartes, pai da filosofia moderna, influenciou decisivamente todo o pensamento ocidental, sobretudo o Grande Racionalismo do século XVIII. Sua obra fundamental, *Discurso do Método* além dar contribuições precisas sobre a investigação filosófica, revela que ele atribuiu ao tempo um aspecto desconhecido: a densidade. Para Alberto Oliveira:

Descartes propõe que a noção de unidade do tempo fosse levada ao limite infinitesimal, ou seja, as durações seriam contraídas até a aniquilação, até a extensão nula (...) identificado a uma linha de pontos, o tempo tornava-se denso. (2003; p. 47).

Situado historicamente no século das luzes, em plena hegemonia do pensamento racionalista, o filósofo alemão Emmanuel Kant, elabora um consistente sistema filosófico, tendo por premissa fundamental a experiência sensível ou empírica, assegurando que num primeiro momento o conhecimento nos advém através da experiência sensível, passa em seguida pelo entendimento que, organiza os dados advindos da intuição, logo depois se estrutura segundo os princípios formadores de juízos analíticos e sintéticos da razão. Para Kant, *“Não importa o modo pelos quais um conhecimento se refira a objetos, é pela intuição que se relaciona imediatamente com estes. O fim para o qual tende, como meio, todo o pensamento é a intuição”*. (KANT, 2003; p. 65).

Portanto, o conhecimento se dá de forma a priori e a posteriori. Sobre o tempo, Kant afirma ser um a priori e na *Crítica da Razão Pura* vai nos dizer que:

O tempo é uma representação fundamental que constitui a base de todas as intuições. É impossível suprimir o próprio tempo no entendimento dos fenômenos em geral (...) O tempo é sem dúvida, concebido a priori. Toda a realidade dos fenômenos é possível somente no tempo. Pode-se prescindir de todos os fenômenos, mas o tempo não pode ser suprimido – enquanto condição geral de sua possibilidade. (2003; p. 73).

Dentro do sistema Kantiano, o tempo tem singular importância, anterior e imprescindível ao acontecimento de qualquer fenômeno, seja natural ou humano. O filósofo considera o tempo como fundamento da intuição, e assegura que não se pode suprimi-lo de nossas experiências. Para ele, o tempo é o fenômeno a priori de nossa subjetividade. Não apenas estamos no tempo, como é através dele que percebemos a realidade.

O tempo é a forma do sentido interno, quer dizer da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior (...) O tempo que não é senão uma característica subjetiva de nossa intuição geral, (sempre sensível), quer dizer, só se produz quando somos afetados pelos objetos, considerado em si mesmo e fora do sujeito não é nada. (KANT, 2003; p. 75-76).

Para o filósofo alemão, o tempo constitui significativa forma da experiência humana, um modo de representação concebido pelo homem, e por isso, fora de nossa percepção o tempo não existiria. Essa concepção é base a tematização do tempo em Hegel.

Georg W. Frieddrich Hegel, autor de *Fenomenologia do Espírito* vai acrescentar uma nova concepção de tempo à história do pensamento ocidental, a noção de tempo como processo. Ele pensa o tempo da história fundamentado no devir. É responsável também pela concepção de história como processo. Como explica Benardette Siqueira Abrão “*interessa-lhe considerar o aspecto de processo que a mobilidade do real envolve.*” (1999; p. 349). Hegel deseja esclarecer como se efetiva a apreensão do devir, do real no mundo, pela consciência do indivíduo. Sendo isso um movimento tanto do espírito subjetivo quanto do Espírito Objetivo. Como Comenta Siqueira Abrão “*Tudo emana do espírito e para ele reflui, não porque o tempo, a história e a ação sejam ilusões,*

mas porque tudo isso nada mais era do que o espírito procedendo à constituição de sua própria idéia.” (ABRÃO; p. 1999).

Influenciado por Kant e por suas teorias sobre o tempo como constituinte da subjetividade, o filósofo francês Henri Bergson revolucionou o conceito do tempo ao defini-lo como um fluxo contínuo caracterizado por momentos sucessivos que perduram na, e pela mudança.

Eis a sua grande descoberta, a duração pura: algo que permanece na mudança e nos instantes temporais, como explica o filósofo: “O que há é um progresso ininterrupto de mudança – uma mudança sempre aderente a si mesma numa duração que se alonga sem fim.” (BERGSON, 1974; p. 110).

Sobre a natureza da duração Bergson, em seu ensaio, *O Pensamento e o Movente* afirma:

Como, entretanto, não ver que a essência da duração está em fluir, e que com o estável acoplado ao estável não se fará jamais algo que dure? O real não são os “estados”, simples instantâneos tomados por nós, ainda uma vez, ao longo da mudança; é ao contrário, o fluxo, é a continuidade de transição, é a mudança ela mesma.(1974; p. 110).

Essa duração que perdura na mudança, Bergson vincula à intuição: “A intuição de que falamos refere-se sobretudo à duração interior. Ela apreende uma sucessão que não é justaposição, um crescimento por dentro” consistindo em um “prolongamento ininterrupto do passado no presente que penetra no futuro” (1974: p. 120).

É a duração que representa o modificar contínuo e como diria o filósofo, *ininterrupto* de todas as coisas, inclusive de nossa interioridade. Tudo deve mudar para continuar existindo, é o axioma encerrado no discurso bergsoniano.

A esse respeito, esclarece, singularmente, o filósofo contemporâneo James Arêas em seu ensaio *Bergson: a Metafísica do Tempo em Tempo dos Tempos*:

A duração, segundo Bergson , é aquilo que há de mais íntimo em cada coisa, porque as coisas e os seres não são senão duração. É preciso conceber a coexistência das diferentes durações no mundo, e o mundo para Bergson se resume nisso: a coexistência das diferentes durações. (2003; p. 140).

Posterior a Bergson, e discordando dele em alguns momentos, mas com o mesmo objetivo de investigar o tempo relacionado a vivência humana, o filósofo Edmund Husserl - mestre de Heidegger - e um dos mentores da *Fenomenologia* explicita sobre o que viria a ser o “carro-chefe” de sua concepção filosófica; a redução fenomenológica, ou *epoché*. Ou seja, a redução às coisas mesmas. Os fenômenos são manifestação da consciência. O que, particularmente, nos interessa em sua fenomenologia é a sua concepção que, a partir da temporalidade se constitui um mundo de objetos. O tempo constitui-se na consciência íntima.

E que novamente se distingue aqui, por um lado, o objeto respectivo, que é e era, que dura e varia e, por outro, o correspondente fenômeno de presente e passado, de duração e variação, que é respectivamente um agora e, no seu perfil (Abschattung), que ele contém, e, na permanente variação que experimenta, traz ao fenômeno, à manifestação, o ser temporal. (1992; p. 36)

Para explicar os fenômenos de retenção, duração e presença Husserl utiliza um exemplo singular; a duração de um som, “por exemplo o som dura; temos aí a unidade evidentemente dada do som e da sua distensão temporal com as suas fases temporais, a fase do agora e do passado” (1992; p. 30). Os fenômenos, para Husserl, não apenas existem no tempo, mas fundamentam-se essencialmente nesse.

Não é por acaso que todas as investigações filosóficas posteriores a Edmund Husserl colocaram a temporalidade e a consciência no centro de sua reflexão, como ocorre nas teorias filosóficas defendidas por Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger, dois filósofos da contemporaneidade.

Seguindo a tradição Kantiana de conceber a temporalidade como inerente à subjetividade, similarmente a Bergson, a Husserl, e ao seu ilustre contemporâneo Heidegger, o filósofo Maurice Merleau-Ponty também compreendia o tempo como constituinte da interioridade humana:

Um caminho que nos conduzia à subjetividade, em primeiro lugar porque todas as nossas experiências, enquanto são nossas, se dispõem segundo o antes e o depois, porque a temporalidade em linguagem kantiana, é a forma do sentido mais geral dos fatos psíquicos. (MERLEAU-PONTY, 1999; p. 549).

É nessa perspectiva conceitual – o tempo visto como subjacente à experiência humana - que o filósofo alemão Martin Heidegger irá publicar sua magistral obra *Ser e Tempo*, cuja premissa fundamental consiste em considerar o homem e portanto, o ser, na nomenclatura heideggeriana, como temporalidade.

A existência humana, de acordo com Heidegger, não apenas se passa no tempo, ela é propriamente temporalidade. Conforme observa o filósofo “O tempo é o ponto de partida do qual a presença sempre compreende e interpreta o ser” (1997; p.45) e ressalta “É na exposição da problemática da temporalidade que se há de dar uma resposta concreta à questão sobre o sentido do ser.”(1997; p. 47).

Vejamos o que Benedito Nunes, estudioso de Heidegger, esclarece sobre a temporalidade e o ser neste:

Revela-se afinal a temporalidade como o fenômeno possibilitador do cogito. Penso, logo sou! Na verdade, o cogito não é um puro eu penso, mas a realização de uma passagem do pensamento à existência, subsidiada pelo tempo – o tempo pontual da evidência, conquistada a todo instante e que assegura o conhecimento de que sou. (2002; p. 31).

É na temporalidade que o indivíduo vivencia todas as suas experiências enquanto ser-no-mundo, e é através dela que sua existência é singularizada, abrindo-se a um existir que Heidegger denomina autêntico, constituindo-se “*um modo privilegiado do si-mesmo*” (HEIDEGGER, 2004; p. 95). E reitera “*A temporalidade extática é o que ilumina o aí originariamente*” (2004; p. 251).

Heidegger tematiza a temporalidade como resultante do encontro dos três tempos: presente, passado e futuro. A exemplo de Agostinho, faz uma interpretação própria do passado, do presente e do futuro, fundamentado no que ele denomina temporalidade ex-tática: “*Chamaremos, pois os fenômenos caracterizados de porvir, vigor de ter sido e atualidade, de ekstases da temporalidade.*” (HEIDEGGER, 2004; p. 123).

Tais ekstases da temporalidade compreendem o que comumente chamamos futuro, passado e presente. Heidegger define passado como o vigor de ter sido, estabelecendo uma nova visão do tempo vivido pelo indivíduo, “*A presença, nunca é passado mas sempre o vigor de ter sido, no sentido de eu sou o vigor de ter sido.*” (2004; p. 122).

Não é sem razão que Heidegger inverte o que seria a ordem esperada; passado, presente e futuro, dando prioridade ao porvir, subordinando todos os ekstases temporais a esse. “*O vigor de ter sido surge do porvir de tal maneira que o porvir do ter sido deixa vir-a-si a atualidade*” (2004; p. 120). Posteriormente, Heidegger afirma que “*A temporalidade temporaliza-se, originariamente, a partir*

do porvir” (2004; p. 126), pois é através desse, que o homem compreende-se como ser temporal e finito.

Além de conceber o homem como ser no tempo, lançado num mundo temporal e histórico, Heidegger acredita que à medida que o indivíduo toma consciência de sua temporalidade e de sua finitude, assume sua condição de ser-para-a-morte possibilitando uma existência plena em conhecimento de si e da realidade circundante.

De acordo com Heidegger, a existência humana, do nascimento à morte, desdobra-se na concepção de temporalidade e do conhecimento prévio que o homem tem de sua morte. .

Siqueira Abrão analisando o pensamento de Heidegger afirma:

O homem é um movimento temporal e a isso Heidegger chama história. O homem é um único ente histórico, o que faz com que o mundo habitado e preenchido pelo homem seja também, secundariamente histórico. Existir é o mesmo que temporalizar-se (...) cumpre assim a união compreensiva de ser e tempo, que estava na raiz do projeto heideggeriano, de constituição de uma ontologia fundamental. (1999; p. 457).

Esta é a essência do pensamento de Heidegger; a união de ser e tempo, o tempo como inerente à existência humana, essa é uma noção de tempo desdobrada não apenas na filosofia, mas sobretudo, em literatura.

A história da filosofia é também a história de como os homens ocidentais pensaram o tempo, como vimos, de modo breve no presente capítulo.

A temática do tempo tem sido abordada sob dois aspectos principais; primeiramente, o tempo físico, relativo a fenômenos observáveis na natureza, isto é, o tempo objetivo, exterior ao homem. Sobre esse aspecto Hans Meyerhoff afirma “*É o conceito de tempo na física, expresso pelo símbolo T nas questões matemáticas, é também o nosso tempo público que usamos com a ajuda de*

relógios, calendários” (1976; p. 4). É o tempo mensurável que organiza as atividades cotidianas, tempo comum a todos os indivíduos que sentem o seu transcorrer na natureza.

O outro aspecto de tempo, ou seja, o tempo subjetivo, se delineia como inquietação humana desde a antiguidade clássica tem início, segundo a tradição, com Plotino, consolidando-se nas teorias de Santo Agostinho e Kant e chega a contemporaneidade através dos estudos de Hegel, Bergson, Maurice Merleau-Ponty, Husserl e Heidegger. Trata-se do tempo relacionado à experiência subjetiva, à consciência; é o tempo interior, particular a cada indivíduo, ou, como é denominado no geral, tempo psicológico.

É esse modo de conceber o tempo como inerente à subjetividade, que a literatura ocupa-se, como explica Meyerhoff. *“O tempo na literatura sempre se refere a elementos do tempo compreendido na experiência (...) O tempo na literatura é le temps humain”*(1976; p. 4).

O homem compreendido como ser histórico e temporal, vive no tempo e pelo tempo. Todas as suas experiências são temporais, e a literatura como reflexo do pensamento humano revela, como nenhuma outra arte poderia fazê-lo, as indagações sobre a temporalidade. Segundo Meyerhof *“As obras literárias mostram diretamente como as qualidades do tempo funcionam e operam”* (1976; p. 115).

As narrativas literárias constituem-se gêneros textuais singulares à representação ideológica e à reflexão de caráter filosófico, portanto não é sem motivo que vários romancistas inseriram a problemática do tempo em seus textos, discutindo-o, não apenas como temática, mas como elemento constitutivo do discurso romanesco.

Adam Mendilow em *O Tempo e o Romance* explicita sobre a estreita ligação entre o tempo e a literatura ficcional:

O tempo atinge a arte do romancista como faz com sua vida, (...) Muitos deles (romancistas) sentem que, apenas enfrentando o problema do tempo, poderão compreender o significado de viver e conseguir uma perspectiva verdadeira da realidade; apenas através da sua solução do problema do tempo poderão resolver o problema de sua arte. (1972; p. 18).

São incontáveis as obras literárias que investigam a relação entre o tempo e a vivência humana, assim como, o tempo e o discurso narrativo, fazendo do tempo seu tema central. Como podemos observar em *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, *Tristram Shandy* de Laurence Sterne, *Em busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust, *Orlando* de Virgínia Woolf, *Ulisses* de James Joyce, dentre outros textos ficcionais que abordam como o tempo interfere na subjetividade, e como, ele próprio é intrínseco a essa.

A arte poética – expressão singular da subjetividade – revela através de intensa elaboração artística, o tempo desnudado na condição humana. Seja o tempo passado, revisitado pelas lembranças; o tempo transitório, tempo experiencial, relativo a vivência reais ou imaginadas, e a eternidade, a duração de um sempre agora. São esses os aspectos temporais abordados por poetas como Goethe, Baudelaire, Rimbaud, Borges, dentre outros, cujas obras expressam o que há de efêmero e eterno em nossa existência.

Na Literatura Brasileira, a temática da temporalidade é dissecada ao extremo, seja na infância saudosa de Casimiro de Abreu, no *instante já* de Clarice Lispector, no *tempo fugidio* de Cecília, no *tempo indivisível* de Mário Quintana, no *presente* Drummoniano e na *poesia temporal* de Waldemar Lopes, para não citar outros exemplos não menos importantes.

O tempo é revelado no contexto literário, tanto como lugar comum quanto como investigação fundamental sobre a condição humana, é o que acontece na obra poética de Waldemar Lopes, pois em raros autores, o tempo é tão densamente abordado como nos versos do poeta pernambucano.

Em seu universo temático, a temporalidade não é apenas recorrente, é vital a sua poesia, apresentando-se em múltiplas nuances, deflagrando temas como o conceito de identidade relacionado ao tempo, a consciência da transitoriedade e seu direcionamento à morte, as reminiscências de um tempo perdido, assim como, o passado presentificado pela rememoração no instante já.

2.0 - RELEMBRANÇAS DE UM TEMPO ADORMECIDO.

*Cada homem leva consigo seu próprio sistema
Temporal.*

Adam Mendilow

O tempo passado é na literatura fonte inesgotável de busca de sentido e significações para a existência, portanto tempo humano. Waldemar Lopes resgata o tempo passado, que, pelo viés de sua poesia, é revivido e transformado em discurso poético de intensidade apaixonante.

Em *Cinza de Estrelas*, as reminiscências transformam-se em obra de arte. O poeta realiza tal transfiguração: as lembranças – comuns a todos – nele, em Waldemar Lopes, sublimam-se em criação poética.

W. Lopes expressa em versos suas recordações, consolidando-as não apenas como tema, mas como substrato de sua poeticidade. Como explica Miranda Neto, no artigo ‘Tempo de Azul e Não’ in *Waldemar Lopes e Outros*, sobre a obra do poeta “A carga de recordações transformou-se em poesia” (1997; p. 234).

A linguagem, e sobretudo, a linguagem literária é o *medium* que faz emergir as recordações. Em sua busca pelo tempo passado, o poeta recria a linguagem e a elege como meio para recuperação de um tempo perdido. Sobre esse tema Alfredo Bosi assinala em *O Ser e o Tempo da Poesia*:

Mesmo quando o poeta fala de seu tempo, da sua experiência de homem de hoje, ele o faz, quando poeta, de um modo que não é o do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo “eterno” da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências (...) Nessa perspectiva, a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; (BOSI, 1972; p. 112).

É o efetivo trabalho com a linguagem que singulariza os versos temporais de Waldemar Lopes. O passado é trazido à tona por imagens extraordinárias, extremamente originais porque pertencentes à vivência do poeta; são imagens que revelam como este concebe o tempo passado e as experiências contidas nesse, resgatados pela memória e transformados por ele em poesia.

Soneto das Remotas Relembrações

*No Vértice da tarde enoitecida
estas matérias mortas são mais vivas
e, dissonante, o cântico da vida
voga nos céus de gelo. Ah, redivivas*

*almas e sombras! Rui, inda incendiada,
a catedral de fogo, sobre esquivas
teorias de sonhos, luz sustida
no declive do ocaso. Ardem, furtivas,*

*remotas relembrações: transitória,
no turvo torvelim, teia dos anos
entretecida em débil desmemória.*

*Sortilégio da múltipla aventura:
densa espuma do tempo, em mar de enganos,
tudo quanto está morto – é chama pura.*

(2001; p. 37)

As metáforas, as antíteses, os *enjambements* e a personificação fazem da poética waldemariana, uma elaboração artística única no modo de representar as reminiscências de um tempo que não mais existe, mas que é vivo para o poeta.

No soneto acima transcrito, o uso recorrente de antíteses, revela a contradição vivenciada pelo poeta; o que ficou no passado, o que já não

permanece, apresenta-se real, “nítido”. O presente cede lugar ao passado, às “teorias de sonhos” revividas pelas lembranças, pois para Waldemar Lopes “*tudo quanto está morto – é chama pura*”.

O poeta expõe sua íntima devoção à palavra e a exalta em sublimes imagens, como expressam os versos, “*No vértice da tarde enoitecida*” numa alusão ao ponto culminante da tarde que está chegando ao fim, por isso neologicisticamente enoitecida em “*teia dos anos entretecida em débil desmemória.*”, referência à cadeia dos anos passados, ou ainda, “*densa espuma do tempo, em mar de enganos*”, na qual a vida é comparada ao mar e o tempo, à espuma que o acompanha.

Com uma antítese W. Lopes encerra seu texto, “*tudo quanto está morto é chama pura*”, revelando que o passado é pura vida enquanto experiência humana e que pela memória transfigura-se em presente. É o discurso poético o desvelador do mundo subjetivo, capaz de exprimir o indizível, de concretizar em palavra o irreal, o imaginável, o sonhado.

Na poética de Waldemar Lopes, o passado é reconstituído por uma construção textual singular, em que todo um complexo painel de imagens, sensações, sabores e aromas são resgatados através da escritura literária. É o que analisaremos no sub-tópico a seguir, ou seja, o modo como o passado e, sobretudo, a infância é recuperada pelo discurso poético.

2.1 A Infância Recuperada pela Poesia.

*As palavras, ao engendrarem suas aventuras no
tempo, constroem no passado, a própria existência.*
José Fernandes

As reminiscências transfiguradas pela expressão poética remetem ao passado, particularmente à infância, revelando não o imaginário de um único indivíduo, mas o ideário coletivo sobre esta, universal porque intensamente humano, é o que se pode perceber nos versos do soneto *Noite de São João*.

*O Espírito da infância, sublimado
em sua essência – sonho e nostalgia –
recompõe as imagens do encantado
mundo perdido, fonte de poesia.*

(LOPES, 2001; p. 176)

Em versos de extrema beleza e lirismo, o autor revela como o longínquo período da infância constitui inesgotável “*fonte de poesia*”. É nesse paraíso perdido que se encontram as mais recônditas alegrias e mistérios inerentes à experiência humana e, que repercutem no homem adulto e em seu fazer literário.

A infância e tudo o que ela representa “*sonho e nostalgia*”, é revivida através do discurso literário. É o poeta – arauto da consciência individual e coletiva – quem converte as reminiscências de um tempo há muito adormecido em poesia.

“*O trabalho poético*”, como observa Lourival Holanda no artigo ‘A Inscrição do Tempo na Literatura’ in *O Espaço – Tempo em Literatura & nas*

Ciências Humanas, “consiste em levantar um monumento à memória (re- cor/dar: dar de novo ao coração).” (2003; p. 27). O poeta pela criação estética resgata o passado, e junto com ele, sentimentos e experiências vivenciadas, reconhecendo assim como Proust, “que uma obra de arte é um único meio de recuperar o tempo perdido” (1970; p. 249).

A esse respeito esclarece-nos Hans Meyerhoff: “Construir uma obra de arte é reconstruir o mundo da experiência e do eu. Desse modo, através do ato de recordação criadora, traduzido no processo de criação artística emerge um conceito de eu (...)” (1976; p. 43).

As reminiscências sejam da infância particular, sejam da infância mítica como paraíso perdido, “reino encantado”, repercutem no poeta e em sua produção literária. Como esclarece Alfredo Bosi em *O Ser e o Tempo da Poesia*, “São várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que por certo atuam na rede de conotações de seu discurso.” (1990; p. 19).

Em inúmeros sonetos, Waldemar Lopes alude à infância, eternizada pela memória como um tempo ideal, permeada de canções, sabores e cheiros. Sempre vivenciada pelo poeta num cenário rural, cujas impressões fixadas na memória ressurgem: “Veio tudo nas asas da cantiga” (LOPES, 2001; p. 28), ao sabor, não da madeleine proustiana, mas do “Sortilégio do Jambo” (LOPES, 2001; p. 87).

Soneto do Fruto e da Flor

*Sortilégio do jambo, a dádiva mais rara.
(Não o vermelho ou o branco; o da infância: ouro vivo.)
Madeleine de Proust, a área de sombra aclara
e restaura o menino em seu reino cativo.*

*Mundo morto, em mistério e mitos redivivo:
esse hálito de ausência é o acicate para
a secreta emoção, o encanto gustativo
que acende o céu distante em meio á noite avara.*

*Nas paredes de cinza, as manchas dos retratos.
Setas de sol a urdir o seu breve tributo.
Velocípede azul em regiros abstratos.*

*(Suave perturbação fere e doma os sentidos,
à imprevista visão dessa flor também fruto,
o perfume e o sabor na memória fundidos.)*

(LOPES, 2001; p. 87)

Ao sabor do jambo, a infância é recuperada, semelhante ao efeito produzido pela madeleine de Proust. Waldemar Lopes restaura todo um manancial de experiências pertencentes ao passado através da escritura literária. O jambo vermelho e branco transforma-se, na imaginação do poeta, em ouro vivo, pois é este que faz ressurgir no presente, o distante passado. Experiência análoga à vivenciada pela personagem *Marcel* na obra *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust, onde o sabor de um biscoito conhecido como ‘*madeleine*’ é o responsável pelas lembranças que surgem espontaneamente e que o remetem a situações há muito vivenciadas, como a lembrança de sua avó que lhe preparava deliciosas madeleines.

Similarmente, o poeta W. Lopes vê a “*área de sombra*” que envolve o tempo da infância, adormecido na memória, ser iluminada pelo sabor de um jambo, e assim, revive momentos preciosos pertencentes a um “*mundo morto*”, onde era apenas um menino.

É para esse tempo esquecido, no qual havia retratos em paredes pintadas e hoje, apenas manchas em cinzas paredes, que o homem adulto é transportado, ou seja, é nessa “*imprevista visão*” que o passado é recuperado através de um cuidadoso artesanato com a palavra.

Num texto hermético, permeado por imagens que se fundem em admiráveis sinestesias, e por uso de cores, Waldemar Lopes reencontra cheiros e sabores na “*memória fundidos*”, é esse “*encanto gustativo*” que o remete à infância de menino do campo e ao seu reino distante, onde fulguram velocípedes azuis.

O poeta pernambucano elege a infância como seu “*reino encantado*,” como “*a dádiva mais rara*” e faz do tempo passado o referencial de uma odisséia interior. Não é apenas a busca pelo tempo perdido, é também a busca de si mesmo, do sentido da existência e de sua arte. Desse modo, “*pela linguagem o poeta opera ali uma superação dos impasses do imaginário, através da forma.*” (HOLANDA in *O Espaço – Tempo na Literatura & nas Ciências Humanas*.2003; p. 27).

2.2 A Poética de Waldemar Lopes: um canto de exaltação ao passado e à memória.

A matéria do tempo é transfeita em memória.
Waldemar Lopes.

Em sua composição poética, Waldemar Lopes remete-se à memória e a exalta como um elo entre o passado e o presente, pois só através dessa que o tempo passado é revivido. É por meio do “*imenso palácio da memória*” (AGOSTINHO, 2002; p. 219) que W. Lopes reconstitui o passado, evocando imagens, sons e cheiros. As lembranças restauram o que o tempo fez esmaecer; revigora imagens e emoções “*submersa(s) no tempo e nas criaturas*” como podemos ler no *Soneto de Palmares*:

*Animam-se as imagens. No subsolo
das lembranças, o fio de aventuras,
se, lenta, a valsa vaga em céus de Apolo
mas submersa no tempo e nas criaturas.*
(LOPES, 2001; p. 50)

Aqui, a memória viva das aventuras é entrecruzada com o imaginário mítico formando um jogo poético de beleza extrema. No “*subsolo*” da experiência encontram-se as lembranças que o poeta resgata pela memória, esse natural instrumento de registro, capaz de preservar e recuperar eventos, imagens, sensações, sentimentos, sons há muito vivenciados, através de uma simples evocação ou associação mental.

Em *Confissões*, de Santo Agostinho, livros X e XI, a memória e o tempo são investigados visando compreender sua significação para a formação da identidade do indivíduo.

Grande é realmente o poder da memória, prodigiosamente grande meu Deus! É um santuário amplo e infinito. Quem o pôde sondar até suas profundezas? É um poder próprio de meu espírito, que pertence à minha natureza; (...)

Nem se admiram que eu fale dessas coisas sem vê-las com os olhos; contudo, eu não as poderia mencionar se esses montes, se essas ondas, esses rios, esses astros, que eu vi, se esse oceano, no qual acredito pelo testemunho alheio, eu não os visse em memória em toda a sua dimensão, como se estivessem diante de mim.

(AGOSTINHO, 2002; p. 220).

O Bispo de Hipona reconhece a grandeza da memória e a dificuldade de compreendê-la, atestando que esta “*é um poder próprio de meu espírito*”, sendo por isso intrínseca à natureza humana. Agostinho tematiza o armazenamento de características particulares a objetos, paisagens e seres, como sendo um fenômeno característico da memória: cores, formas, sons, cheiros que ressurgem pela recordação, como “*se estivessem diante de mim*”, são a memória viva que fecundará a obra de Waldemar Lopes.

Waldemar Lopes no soneto *Canto de Lembranças e Saudade* ilustra, através de metáforas e personificação, sua concepção sobre a memória e a recordação, e como essas atuam no indivíduo, despertando nesse “*rude angústia*”.

*A pressão invisível das lembranças
abre sulcos no íntimo sofrer,
e a rude angústia se transforma em lanças
pontiagudas, no espírito a doer.*

*São esperanças, são desesperanças
a nos impor efêmero poder,
se a ação do tempo engendra as suas transas
entre a alma a sonhar e a alma a viver.*

*No acervo das memórias, o contraste
que a lei do acaso, súbito, elabora
faz que a ventura ainda mais se afaste*

*desse caminho hostil. Nele a criatura
não pode distinguir o ontem do agora:
A saudade eterniza o que não dura.*

(2001; p. 173)

O *Canto de Lembranças e Saudade* mais parece um lamento, no qual o poeta expressa seu desconforto com a efemeridade que faz com que tudo resulte em lembranças e saudade.

Constata-se aqui que as lembranças não apaziguam a dor do que já se foi, antes abrem “*sulcos no íntimo*,” sulcos no ser, e a angústia personificada em lanças machuca o espírito. Waldemar Lopes reconhece que o homem não pode deter a “*ação do tempo*”, resta a esse, apenas guardar no “*acervo da memória*” as lembranças de um tempo fugaz que a “*saudade eterniza*”.

A memória comparada a uma biblioteca, tal a familiaridade do autor com os livros, é um acervo, e nesse, encontram-se as lembranças individuais, isto é, o passado subjetivo, que embora comum a todos, singulariza-se em lembranças individuais, únicas, particularizadas pela interioridade.

Em sua obra *O Tempo no Romance*, Jean Pouillon investiga a lembrança e sua relação com a subjetividade: “*A lembrança não é uma realidade e sim uma operação: não existem lembranças, nós nos lembramos. É o meu único passado psicológico aquele que eu faço existir. (...) Nós o imaginamos*”. (1974; p. 40). Ou seja, a lembrança não é um fenômeno fora do sujeito, eu sou a própria lembrança de mim mesmo. Cerne de minha alma, as lembranças são o tecido íntimo com o qual se costura a teia da existência.

Os fatos reais são transfigurados pela vivência pessoal. A memória armazena a visão particular do ocorrido. Como bem observa Hans Meyerhoff: “*As coisas lembradas são fundidas e confundidas com as coisas temidas e com aquelas que se tem esperança de que aconteçam*” (1976; p. 20). É o que demonstra os versos de Waldemar Lopes, onde o passado é visto sob uma ótica estritamente singular, de quem sabe que a recordação de situações ocorridas é direcionada pela subjetividade; não há isenção nem mesmo na memória.

No último terceto do soneto *Canto de Lembranças e Saudade*, vemos que tal a intensidade das lembranças, que o poeta “*não pode distinguir o ontem do agora*” (2001; p. 173) visto que ambos – apresentam-se nítidos e legítimos para ele.

O teórico Jean Pouillon, numa análise de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, observa que “*O passado é estritamente individual e a aventura da madeleine só a ele diz respeito: é um passado de hábito de sentimentos pessoais.*” (1974; p. 177). É o caso da memória em Waldemar Lopes, onde o jambo e outras significações fortes da infância desempenham o mesmo papel.

Semelhante ao trabalho de Marcel Proust, Waldemar Lopes recupera o passado num encadeado jogo de experiências com o presente. O poeta não alude simplesmente a episódios do passado, mas a situações particularizadas pela sua visão dos fatos, como ilustra os versos do soneto *Noite de São João*:

*O Espírito da infância, sublimado
em sua essência – sonho e nostalgia –,
recompõe as imagens do encantado
mundo perdido, fonte de poesia.*

*É noite de São João. Fulgor alado
de foguetes, nos céus. A alegoria
das chamas da fogueira. E mais: ao lado,
a quadrilha, o forró, toda a magia*

*dos cânticos de outrora, inesquecíveis
ecos de vozes mortas. Soam palmas
dos que sempre ao passado são sensíveis.*

*No silêncio interior – paz e emoção –
um êxtase secreto enleva as almas,
dói a saudade em cada coração.*

(2001; p. 176)

A estrofe inicial, anteriormente transcrita e comentada, situa o leitor na atmosfera de nostalgia que envolve todo o poema, na tentativa de restaurar os momentos vivenciados no passado.

Nos versos acima, há a rememoração de um passado individual, fortemente marcado por impressões subjetivas; o poeta relembra certa noite de São João não como essa foi realmente, mas como sua memória a captou. Sua “*memória afetiva*”, alusão ao termo “*recordação afetiva*” usado por Jean Conhen em *A Plenitude da Linguagem*, armazena impressões individuais; nem para todos os foguetes no céu possuíram um encanto de “*fulgor alado*” ou as “*chamas da fogueira*” pareceram uma alegoria.

O poeta retrata os “*cânticos de outrora*,” a quadrilha, o forró, tradição tão cara a quem nasceu em ambiente rural, e revive através da rememoração momentos inesquecíveis, numa viagem a si, pois é no “*silêncio interior*” que o passado é reconstituído. A lembrança de fatos passados consiste mais em uma recriação pessoal e imaginativa do que um retrato fidedigno de acontecimentos reais.

Hans Meyerhoff analisa a rememoração do passado individual, bem como sua relação com a identidade no seguinte texto:

A busca da descoberta do contexto do passado pessoal do indivíduo engajou a grande Literatura. A chave para essa busca tem sido a memória – sua função na experiência humana. Santo Agostinho foi o primeiro pensador a reconhecer a natureza da memória como uma chave para estrutura do tempo e do eu”. (1976; p. 50).

No belo canto, *Soneto dos Vaga-lumes*, Waldemar Lopes reflete sobre memória de modo extremamente lúcido:

*Mas no chão da memória surge agora,
de matérias do tempo concebida,
visão morta da noite feita aurora
(e uma vida fundida noutra vida).*

(LOPES, 2001; p. 34)

É no substrato da memória que o passado ressurge, ou melhor, surge no “*agora*”. A vida em sua essência é “*restaurada ao peso das lembranças*”. (LOPES, 2001, p. 26). É a memória quem reconstitui o passado. À conclusão semelhante chega Jean Pouillon em *O Tempo no Romance* onde “*A memória é capaz de fazer o passado reaparecer no presente.*” (1974; p. 124). Sendo este o crivo de toda estética waldemariana.

2.3- O Passado no Presente: a presentificação na obra poética de Waldemar Lopes.

*Os passos da memória, em latejantes
rastros, refazem rotas renascidas
para outrora e depois, o longe e o agora;
e tudo se renova como dantes*

Waldemar Lopes

Ao estabelecer a noção de passado no presente, o poeta remete ao que se denomina presentificação, isto é, o tempo passado sob a ótica vivencial do agora, como observa José Augusto Guerra em seu ensaio sobre a poética de W.

Lopes *Maturidade de uma Poesia*:

*Para o adulto, o homem feito na vaga névoa das lembranças,
ainda há bois na madrugada, vaga-lumes, o trenzinho da antiga
Great Western, o Recife, realidades de ontem, que não ressurgem
como teriam sido, mas enevoadas pela recriação. Diríamos que
essas realidades são revisitadas pelo homem feito (...) é o ontem
hoje assimilado pela sensibilidade do adulto.*
(GUERRA apud Waldemar Lopes e Outros. 1997; p. 213-214).

O tempo rememorado faz emergir o passado com a densidade do presente, “Nítido o passado fez-se presente”, como vemos no soneto *Visita ao País da Infância*:

*Rever é quase sempre um desencanto.
Nada evita que o Agora se anteponha
à lembrança do Outrora, e doa tanto
o que a saudade oculta ou a alma sonha.*

*Nas ruínas do tempo, onde se ponha
o olhar magoado, em reprimido pranto,
já não se pode ver, clara e risonha,
a paisagem que foi rica de encanto.*

*Que é das verdes encostas onduladas?
Canários a trinar, ruflando as penas,
em suaves fins de tarde? Desoladas,*

*almas e coisas. Seu sofrer é mudo.
Na tristeza do agora, há só e apenas
uma igual sensação de morte em tudo.*

(2001; p.166)

No texto poético acima, Waldemar Lopes utiliza expressivos recursos estilísticos e formais para expressar como o longínquo passado reaparece no presente. Dentre esses, merece destaque o uso de letras maiúsculas como “Agora”, “Outrora”, com a intenção de enfatizar a significação universal da experiência que o vocábulo designa; os *enjambements*, recurso fundamental à poética de Waldemar Lopes, fazem-se presentes em todo o texto, proporcionando fluidez e musicalidade aos versos.

A personificação, figura de pensamento utilizada recorrentemente por Waldemar Lopes, revela como a dor causada pela saudade impregna tudo que o circunda, inclusive objetos, “*Desoladas, almas e coisas. Seu sofrer é mudo.*” E finalmente, o uso da metáfora que em W. Lopes torna-se sublime, resulta em profundidade imagética, como vemos “*Nas ruínas do tempo*” uma referência ao tempo passado, que deixa tudo em ruínas.

Em *Visita ao País da Infância* há o reconhecimento que “*Nada evita que o Agora se anteponha à lembrança do Outrora,*” não há como distanciar sentimentos do presente e lembranças do passado. Esse é sentido com a densidade do hoje, singularizando ainda mais a ausência do que passou e já não é.

No presente, tristeza, no passado, alegria e encanto; o “*olhar magoado*” observa que não há mais paisagens, objetos e pessoas queridas, restando apenas “*uma igual sensação de morte em tudo*”. O passado é revivido como a dor do presente; é o que nos revela a última estrofe, “*desolada*” está a alma do poeta, desoladas estão as coisas, pois o passado e tudo o que o representa foi consumido pelo tempo.

São inúmeros os textos que retratam como o passado é revisto pela perspectiva do presente na obra do poeta. Dentre esses, analisaremos o *Soneto do Passado, Agora*.

*Antes que num mistério se resuma
a dádiva do tempo, o itinerante
pastor de estrelas vaga imerso numa
visão de céus e abismos. Agora, diante*

*desse país de outrora, o sonho esfuma
seu morto mundo mágico, distante
memória irreal, transfeita em núcleo e suma
de outra noção do real. O turvo e o errante*

*universo recurva-se, fechado
sobre si mesmo, à luz que lhe decora
o véu de angústia. Nítido, o passado*

*faz-se mais vivo no êxtase do agora
e em sua flama o cântico apagado
é frêmito da infância, aura da aurora.*

(2001; p. 51).

Ao retratar como à luz do ‘*hoje-agora*’ o passado é reconstituído, Waldemar Lopes tece em exímia elaboração estética, um complexo jogo de metáforas que em nada lembra a costumeira rememoração episódica, comum aos

poetas que evocam o tempo passado. Antes apresenta um intricado painel de imagens, no qual, através da recuperação do passado pelo presente tenta desvendar a “*dádiva do tempo*”, resultando em um texto hermético para alguns, mas que se revela claro em essência e substância poética.

O *Soneto do Passado, Agora* reverbera inclusive através do título, que o passado é presentificado através das reminiscências, essas restauram no presente o que já não existe mais. É o poeta quem reconhece “*Nítido, o passado faz-se mais vivo no êxtase do agora*”.

Os acontecimentos e imagens pertencentes ao passado aparecem claramente no presente como podemos ver no verso “*Agora, diante desse país de outrora*”, e o poeta confessa que não está vivenciando a realidade, mas uma “*outra noção do real*”, tão nítida e verdadeira quanto à existência factual.

O passado no presente, ou seja, o fenômeno da presentificação é, na obra de Waldemar Lopes o cerne desde o qual se desentranha parte de sua poética.

2.4- O Tempo Experiencial em *Cinza de Estrelas*.

*Vivemos em feitos não em anos, em sentimentos
Não em figuras de um mostrador, deveríamos
Contar o tempo pelo pulsar do coração.*
Bailey²

Há um aspecto referente à rememoração que merece maior análise na poesia de W. Lopes, trata-se das lembranças de um tempo que não é passado, pois nunca existiu, a não ser na imaginação do poeta, mas pertence ao substrato da memória, esse tempo, Waldemar Lopes qualificou de subjetivo, que podemos observar no terceto de *Presença na Ausência*.

*Integra-se o painel: ante o olhar apagado,
no tempo subjetivo – o futuro é o passado;
no reino da memória – a presença da ausência.*
(2001; p. 109)

Como o poeta indica no segundo verso, o tempo subjetivo que denominaremos no presente texto de 'experiencial' (visto que todo aspecto temporal é subjetivo, porque inerente à interioridade humana), existe apenas na subjetividade, isto é, não é fundamentado na realidade exterior ao indivíduo.

Waldemar Lopes, o referencial desta “aventura tão-só de pensamento” (2001; p.27) entre a ilusão e a realidade é a busca dos tempos idos, vividos ou sonhados. Como observamos no soneto *Soneto da Vida e do Sonho*:

*Vida e sonho, inconsúteis. Mas o canto,
este, sobre dois pólos bipartido,
um de auroras banhado, outro perdido
já nas sombras da tarde, e em seu encanto.*

² Citado por Adam Mendilow em *O Tempo e o Romance* (1972; p. 131).

*Enfim, tudo é memória: o só vivido
ou apenas o sonhado; mas enquanto
amor e solidão ou tédio e espanto
no remate dos tempos terão sido*

*legados transitórios, redivivo
o canto eternefêmero chorado
de novo é sentimento, no futuro;*

*e mostra, além da morte, este cativo
exercício da vida compensado
na prática do sonho, o vício puro.*

(2001; p. 71)

Waldemar Lopes reconhece em seu texto que o poeta é um sonhador, não apenas porque sonha – todos os homens sonham – mas porque ele acredita na veracidade do sonho; não consiste simplesmente que seu desejo, suas aspirações irão realizar-se, é mais que isso: o esteta crê realmente na autenticidade dos fatos por ele imaginados, e os eleva à categoria de recordação tal como as situações vivenciadas, e em tom de confissão afirma “*na prática do sonho, o vício puro*”.

No verso inicial, “*Vida e sonho, inconsúteis*” o poeta revela-nos a chave para compreensão de seu hermético texto: a união entre a vida e o sonho, ambos intensos em significação para a constituição da identidade do indivíduo. O poeta afirma “*tudo é memória: o só vivido ou apenas o sonhado*”, reconhecendo que o imaginado não se distingue do realizado, antes se sobrepõe a esse, “*vem dos longes do tempo essa ironia de o sonhado valer mais que o vivido*”. (LOPES; 2001; p. 167).

Jean Conhen, em sua obra *A Plenitude da Linguagem -Teoria da Poeticidade*, corrobora com a afirmação contida nos versos do poeta

pernambucano: *“Há experiências não vividas, afetos imaginários os quais podem ressurgir sob a forma de recordações afetivas”*. (1987; p. 249).

Tais experiências impregnam-se com tamanha densidade na memória, que alcançam maior veracidade e relevância que o fato vivido. Como se verifica no *Soneto das Inúteis Viagens*.

*Reino, concha, casulo? Área de olvido
nas margens da memória. O tempo isento:
o que não foi, ou foi, teria sido
à tua luz calada, ó sentimento.*

*Agora, é só regresso ao fluxo lento
das horas, no silêncio adormecido
entre as estrelas, este puro alento
da noite em que me somo e me divido.*

*Concha? Reino? Se ausculto a vida em torno
com a clara verdade logo atino:
- Em mim mesmo fiquei. Onde o retorno?*

*A unidade das coisas recomponho:
sempre é mais belo tudo o que imagino,
é sempre mais real tudo que sonho.*

(2001; p. 158).

À luz do sentimento, Waldemar Lopes equipara *“o que não foi, ou foi, teria sido”* e o armazena nas *“margens da memória”*. Desse modo, a recordação é para o indivíduo e, sobretudo, para o poeta, seu reino particular, seu envoltório contra as intempéries da vida e do próprio tempo. As lembranças do poeta contidas na memória, nivelam o que não ocorreu, o ocorrido e o que poderia ocorrer, e ele as transforma em criação poética.

Sobre esse aspecto da rememoração Meyerhoff explica em *O Tempo na Literatura*:

Desejos e fantasias podem não só ser lembrados como fatos, como também os fatos lembrados são constantemente modificados, reinterpretados e revividos à luz de exigências presentes, temores passados e esperanças futuras. (1976; p. 20).

Em sua análise de um tempo que não conhece datas, de caráter subjetivo denominado “*isento*”, o poeta associa fatos vivenciados a aventuras imaginárias. O poeta em estado de êxtase, na companhia silenciosa das estrelas, reflete sobre o “*regresso ao fluxo lento das horas*” e questiona a existência e a subjetividade, reconhecendo “- *Em mim mesmo fiquei. Onde o retorno?*”, almejando reconstituir a “*unidade das coisas*” perdidas no tempo, ou seja, restaurar a si próprio e as experiências ocorridas no tempo, sejam elas legítimas ou sonhadas.

Ao final do soneto, em versos de extrema beleza, que apenas por si vale a referência de Carlos Drummond “*Ouro de palavra, raro e nobre labor, com que arte recolocou o soneto em sua antiga dignidade*” (apud LOPES, 2001; p. 247), Waldemar Lopes conclui a respeito do que chamamos memória afetiva, essencial ao indivíduo, isto é, rememorações relativas a situações, que mesclam o vivido com o imaginado; “*sempre é mais belo tudo o que imagino, é sempre mais real tudo que sonho*”.

Como vimos no decorrer deste capítulo, o tempo passado – seja como objeto de contemplação, rememoração ou presentificação – constitui mais que um tema recorrente na poética de Waldemar Lopes, antes se configura como substrato do seu fazer literário. A busca incessante pelo tempo perdido-passado, é também a busca por si mesmo e, sobretudo, pela significação da arte, essa, temporal como o homem.

3.0 – UMA VISÃO DO TEMPO EVANESCENTE.

As coisas padecem, por assim dizer, a ação do tempo...O tempo consome, tudo envelhece, tudo se apaga graças ao tempo.

Aristóteles

*Que a matéria do efêmero alimente
a paixão da beleza. Essa aventura
do íntimo impulso à límpida corrente
ao influxo do tempo, ainda mais puro.*

Waldemar Lopes

A consciência da finitude é inerente ao espírito humano, a efemeridade é a própria condição humana, condição de ser e estar no mundo. O homem, cotidianamente, vivencia o transcorrer do tempo, seja na corruptibilidade do seu próprio corpo, na finitude de todo ser vivo, seja no alvorecer e findar de cada dia, mês ou ano, ou ainda no contínuo fenecer de suas aspirações e ideologias, reverberando o axioma '*o que é hoje, amanhã não será mais*'.

No percurso da história humana, o tempo efêmero e a conseqüente fugacidade da vida constituem fonte infindável de indagações e questionamentos; não seria exagero afirmar que dentre todos os aspectos concernentes à temporalidade, o tempo transitório consiste na temática temporal mais abordada em obras literárias e/ou em estudos filosóficos. Como observa Hans Meyerhoff:

Esse tema ressurge dos tempos imemoriais nas canções e no pensamento do homem. Por mais que as variações sejam engenhosas o tema é sempre o mesmo: a direção do tempo na experiência humana é determinada para nós, como um fato inflexível, irreduzível da brevidade de nossos dias, na transitoriedade de nossa existência. (1976; p. 59).

Para o homem, dentre todos os aspectos abordados sobre a temporalidade, a transitoriedade do tempo é o que mais lhe inquieta, uma vez que

se efetiva de modo contundente na vivência humana, inserindo-se na consciência do indivíduo enquanto sujeito no mundo, governando suas ações e seu discurso. Como observa Ivan Domingues em *O Fio e a Trama – Reflexões sobre o Tempo e a História*.

A intuição do efêmero é a primeira forma de que se reveste a experiência humana do tempo e que como um enigma acompanhou ela a trajetória da humanidade desde as épocas mais recuadas... o resultado foi que os homens desde cedo, ao experienciarem a ação do tempo, foram levados a buscar explicações que dessem sentido a essa experiência, sem que, todavia o enigma do tempo fosse decifrado. (1996; p. 17-18)

A consciência do homem como ser temporal é o que lhe situa como ser no mundo. O homem não apenas cataloga o tempo através de registros e relógios etc, mas a consciência da finitude e da fugacidade da vida é a consciência que ele não apenas tem o tempo como exterior a si, mas que seu ser é o próprio tempo.

Em *Cinza de Estrelas*, Waldemar Lopes reflete sobre a transitoriedade – que para ele consiste no “*fluir da humana contingência*” (LOPES; p. 61), em relação a finitude de todos os seres. A consciência da temporalidade nessa ótica desperta no homem o “*sentimento de efêmero*” (ibidem), e portanto, a consciência da morte.

O Poeta, em um complexo jogo de imagens, muitas vezes herméticas, serve-se de inúmeros recursos estilísticos desde comparações, metáforas, sinestesias, neologismos e intertextualidade, através de uma significativa revisitação do cânone literário e filosófico revelando sua concepção da

transitoriedade do tempo e do evanescer da existência, expressando com extrema lucidez, a condição humana e a dor da finitude.

Em *Soneto do Transitório*, Waldemar Lopes interpreta a tradição envolta na temática da efemeridade,

*Esta visão do tempo evanescente
o mistério de tudo denuncia:
sentimento de efêmero, pungente
apego ao que se esvai, lenta agonia*

*se a dor do transitório cinge a mente,
a alma, o ser, na crisálida sombria.
A luz morta do sonho, inconseqüente
sublimação do nada, a nostalgia*

*do que não foi senão sombra de ausência
na ânsia do eterno: chama transfundida
neste fluir da humana contingência*

*em que o tempo a si mesmo se devora
feito um breve clarão; e o dom da vida
é como um simples sopro; e se evapora...*

(2001; p. 61)

Waldemar Lopes, no texto acima, parece sintetizar suas reflexões sobre a efemeridade e a brevidade da vida, propondo sua particular “*visão do tempo evanescente*”.

O tempo transitório marca a vivência humana sob o signo do provisório, imprimindo em tudo esse “*sentimento de efêmero*”, suscitando “*apego ao que se*

esvaí”. Tudo é mutável, tudo perece; é o axioma revelado no texto em análise e, em toda poesia waldemariana.

O *Soneto do Transitório* revela-nos como o tempo fugaz se expressa na subjetividade, proporcionando o des-velar do indivíduo enquanto ser provisório no mundo, temporal e finito. É a compreensão de si mesmo como finito que possibilita ao homem o legítimo sentido de sua existência, a desnudar sua própria identidade “*O ser da presença tem como sentido sua temporalidade*” (HEIDEGGER, 1997; p. 41).

A “*dor do transitório*” é a dor de ser homem, passível a atuação implacável do tempo, dor de saber-se finito. É com essa certeza que o indivíduo convive, é a partir dessa convicção que o homem passa a questionar a vida transitória, bem como, sua fragilidade enquanto ser no mundo.

À medida que o homem compreende-se como ser temporal antevê sua morte, essa é a proposição encerrada no discurso poético de Waldemar Lopes, é também o tema fundamental da obra *Ser e Tempo* do filósofo alemão Martin Heidegger, que servirá como aporia teórica ao estudo do tempo efêmero no presente capítulo.

O poeta e o filósofo, ou melhor, o poeta filosófico e o filósofo poético, compreendem que o homem vive sob o signo da efemeridade e que sua vida é um dar-se no seio da morte, ou seja, “*A morte é um modo de ser que a pre-sença assume no momento que é*” (HEIDEGGER, 2004; p. 26)), no momento em que é, em que está se desvelando no mundo, o homem é desde sempre o jogo contínuo de vida e morte, que não são dois aspectos separados da condição humana, mas o âmbito onde se desenrola a própria existência.

Concepção análoga, vamos encontrar em Waldemar Lopes, “*Já na essência da vida a consciência da morte*” (2001; p. 115). o pensador e o poeta concebem a morte como intrínseca a existência, cientes de que o homem é temporalidade, logo seu existir é finito. Como afirma o ensaísta Octavio Paz em sua obra *A Dupla Chama – Amor e Erotismo*, sobre o homem “*O tempo é o seu ser e a sua doença constitucional*” (2001; p. 128).

No verso “*O tempo a si mesmo se devora,*” o poeta evoca a tradição literária realizando um intertexto com o poema *Inimigo* de Charles Baudelaire, onde se lê “*Devora o tempo a vida*”, em *Flores do Mal* (1964; p. 102). Assim como o simbolista francês, Waldemar Lopes alude a Kronos (termo que em grego, segundo a tradição, significa tempo), que devorou seus próprios filhos.

A transposição do mito grego ao texto poético suscita novas interpretações; o tempo devora os instantes, os momentos; o presente é engolido pelo passado, semelhante a Kronos, o tempo devora o que vem de si, em última instância a si próprio, “*o tempo a si mesmo se devora; feito um breve clarão; e o dom da vida; é como um simples sopro; e se evapora*”.

A imagem contida nos últimos versos do texto poético encerra a reflexão sobre a inescapável realidade da transitoriedade do tempo e sua grave consequência ao homem: o findar da existência.

3.1 – O Homem: esse ser-para-a-morte.

*Eis que nós somos cascas e folhagens
a grande morte – a que cada um traz em si
é um fruto em torno do qual tudo gravita.*

Rainer Maria Rilke

Em tudo há o evanescer; os momentos, as paisagens, os seres, as ideologias, tudo tende a fenecer. Como observa Meyerhoff em *O Tempo na Literatura*, “*Pois nada perdura e pode perdurar, (...) nem as obras da natureza, nem o próprio homem, nem os seus sonhos e esperanças.*” (1976; p. 65).

O homem “*é um ser acossado pelo tempo*”. (MEYERHOFF, 1976; p.59). A efemeridade de tudo que o cerca revela essa condição, é o tempo efêmero que governa suas ações, paixões e reflexões. Logo, a existência humana não apenas fundamenta-se no tempo, mas é regida por ele, e o poeta, como desvelador do real, como intérprete singular da realidade circundante, vê-se pressionado pelo tempo mais que qualquer outro indivíduo, e reconhece a fragilidade da vida “*É breve o estágio:/ ontem foi amanhã... a alma se perde em rotas de naufrágio sobre a face do tempo*” (LOPES, 2001; p. 64).

O cotidiano é marcado pela experiência do tempo fugaz. Todos os valores, anseios e crenças do homem são intimamente relacionados ao tempo que passa rapidamente e à morte que se aproxima. Na concepção comum, tudo, desde o trabalho que garante a sobrevivência, ao amor ‘*eterno enquanto dure,*’ a datas significativas como o aniversário, que ao invés de ser celebrado revela a realidade da morte, são pensados à luz de uma existência breve, em que tudo é transitório.

Em *Soneto de Aniversário*, Waldemar Lopes expõe não apenas o senso comum sobre a existência e a morte, mas parte dele para retratar como se dá no homem a consciência da morte pela via da efemeridade.

*No princípio era o verbo? Antes, o pranto,
dor ressentida, lúcido presságio
de que em cotas de encanto e desencanto
cobra a vida seu dízimo e seu ágio*

*pelo simples viver. É breve o estágio:
ontem foi amanhã. (Na asa do canto
a alma se perde em rotas de naufrágio
sobre a face do tempo.) Mas enquanto*

*a consciência da morte reivindica
o seu lugar no ser, e se desvenda
o vazio em que os mitos se consomem,*

*- rastros de nuvens na água, algo que ainda fica:
a lápide na sombra; e uma legenda
também fugaz: “Aqui passou um homem”.*

(2001; p. 64).

Numa clara alusão à Bíblia – ao evangelho segundo João, capítulo primeiro, verso um – o poeta, que a tudo analisa e interroga, transforma a assertiva bíblica em indagação “*No princípio era o verbo?*”, revelando suspeição perante o texto bíblico, questionando assim o próprio existir.

Segundo o poeta, a existência fugaz que de tão breve lembra-lhe um estágio, não nos é oferecida como um presente, temos algo a pagar: a consciência de nossa falibilidade, a certeza inelutável da morte. É o preço alçado

“*pelo simples viver*” pois cobra a vida “*seu dízimo* (outra referência bíblica) e *seu ágio*”.

A data de aniversário, longe de ser comemorada, suscita no poeta a “*consciência da morte*”, visto que o tempo de nossa existência é exíguo, e cada dia vivido é um a menos em nossa trajetória em direção à morte. Como ressalta Benedito Nunes em *O Tempo no Romance*:

Mas a sua direção que lhe empresta o atributo de finitude, segue de momento a momento, entre passado e futuro, a linha fugidia de instantes vividos, encurtada à proporção que a vida se alonga aproximando-se da morte. (1998; p. 19).

A morte constitui a realidade inevitável de toda existência. Cabe ao indivíduo posicionar-se frente a ela, compreendendo-a como integrante ao viver, admitindo-se como ser temporal e portanto, finito. Em *Ser e Tempo*, como vimos anteriormente, Heidegger alude à iminência da morte como inerente à vida, para ele, “*No sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida*”. (2004; p. 28).

No texto em análise, Waldemar Lopes afirma que “*A consciência da morte reivindica o lugar no ser*” coincidindo com a concepção heideggeriana de que o homem é um ser-para-a-morte (HEIDEGGER, 2004; p. 33-34). Reconhecer-se como ser finito torna autêntico seu existir, pois é no conhecimento prévio de sua morte, e conseqüentemente, na aceitação desta como condição essencial à vida que sua existência adquire sentido. A consciência da morte reivindica (usando a expressão do poeta) uma *existência intensa*, plena em conhecimento de si e do mundo que o envolve. Como Heidegger esclarece-nos:

A morte é uma possibilidade ontológica que a própria presença tem de assumir. Com a morte, a própria presença é impendente em seu poder mais próprio... Desse modo, a morte desentranha-se como a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável. (HEIDEGGER, 2004; p. 31-32)

Sabedor da infalibilidade da morte, do findar da vida, o indivíduo é instigado a usufruir plenamente sua condição de ser-homem-pensante, inserido em um contexto e participante ativo deste. “*Já na essência da vida a consciência da morte*” (2001; p. 115) afirma Waldemar Lopes; o poeta, como pensador que interpreta o real, reconhece a necessidade da consciência prévia da morte para um existir significativo, em que o homem desenvolva efetivamente suas inúmeras potencialidades como ser-estar-no-mundo e ser-estar-com-outros.

Desse modo, “*a irremissibilidade da morte, compreendida na antecipação, singulariza a presença em si mesma*” (HEIDEGGER, 2004; p. 47). É na antecipação, isto é, no re-conhecimento prévio de sua própria morte e, sobretudo, na compreensão dessa, que a vida humana abre-se a uma existência legítima, constituindo “*um modo privilegiado do si-mesmo*” (HEIDEGGER, 2004; p. 95).

O compreender-se como ser temporal, em um mundo transitório, sujeito à degradação, liberta o indivíduo da alienação, da fuga de si mesmo e o conduz a uma singular experiência de auto-conhecimento. É o que constatamos no discurso poético de Waldemar Lopes, que em versos revela a nossa condição de “*Sobreviventes do desígnio das horas, reis/escravos sob as algemas do tempo.*” (LOPES, 2001; P. 55), impotentes, subjugados ao tempo transitório e à certeza da morte.

Cabe aos poetas e pensadores investigarem como a consciência da efemeridade afeta o homem. É o que trataremos no próximo subtópico do presente capítulo. Fiquemos, pois, com os versos do soneto a ser analisado a seguir; “*o homem perquire, em vão, fim, origem, porquê*” (2001; p. 114) para ao final reiterar “*a vida é o mesmo que no céu do esquecimento um clarão de um instante*” (2001; p. 114).

3.2- A Angústia do Ser Vem da Fugacidade de Tudo.

*A angústia situa-se na secreta aliança,
serenidade e doçura do anelo criador.*

Heidegger

O homem vivenciando a experiência da fugacidade é instigado a aprofundar o conhecimento de si próprio, o que possibilita, em linguagem heideggeriana, uma existência autêntica como sujeito pensante que é ser no mundo e atua nesse.

O poeta Waldemar Lopes ilustra, em alguns de seus sonetos, como o sentimento da efemeridade atua na consciência humana e como o homem reage à certeza do tempo fugaz que o impele ao findar da existência. É o que aparece no soneto *Da Amarga Reflexão*:

*Sombra de um sonho, inquieta avidez da verdade.
A ânsia do eterno contra a dorida certeza :
toda a angústia do ser vem da fugacidade
de tudo; o mal, o bem, o engano, a vã riqueza.*

*Sentimento da morte é fria chama acesa
como um signo fatal. A humana densidade
talvez esteja só num ideal de beleza
ou no salto no escuro, em busca da unidade*

*perfeita. Inútil é toda sabedoria:
o homem perquire, em vão, fim, origem, porquê,
e mais aumenta na alma a dúvida vazia.*

*Não se perde, porém, a miragem distante:
aventura do acaso, a vida é o mesmo que
no céu do esquecimento um clarão de um instante.*

(2001; p. 114)

No texto acima, Waldemar Lopes reflete sobre o drama da existência: a fugacidade de tudo e sua consequência, a angústia, “*A angústia do ser vem da fugacidade de tudo*”. Sendo inerente ao ser, a angústia origina-se da consciência desse como temporal. “*a angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em sua totalidade*” (HEIDEGGER, 1999; p. 57) A angústia não se dá no homem como uma exterioridade que lhe acontece, ela lhe é intrínseca pela própria evanescência do tempo e de tudo que o cerca, inclusive ele mesmo.

Para M. Heidegger, “*A angústia está aí. Ela apenas dorme. Seu hálito palpita sem cessar através do ser-aí: mas raramente seu tremor perpassa a medrosa e imperceptível atitude do ser-aí agitado envolvido pelo “sim, sim” e pelo “não, não*”. (HEIDEGGER, 1999; p. 60). É este o olhar poético de Waldemar Lopes onde “*Inútil é toda sabedoria*”, porque nada pode contra a finitude, nada pode contra o esvair-se de tudo que nos lança na inexorabilidade da angústia.

O angustiar-se abre de maneira originária e direta o mundo com o mundo (...) A angústia singulariza a presença em seu próprio ser-no-mundo, que na compreensão, se projeta essencialmente para possibilidades (...) A angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo (1997; p. 251-252).

Em linguagem heideggeriana, a angústia possibilita a abertura para compreensão do sujeito como ser-no-mundo, em seu poder-ser-mais-próprio. É o que nos revela a poesia de W. Lopes, ele reconhece a angústia como chave para descoberta de si mesmo como ser provisório no mundo, “*É na disposição da*

angústia que o estar-lançado na morte desentranha para a presença de modo mais originário e penetrante” (HEIDEGGER, 2004; p. 33), e através dessa lança-se à aventura de questionar a si e à vida *“em uma inquieta avidez da verdade”*.

Waldemar Lopes sintetiza em um verso a angústia humana frente a inescapabilidade da morte: *“a ânsia do eterno contra a dorida certeza”*. Não se trata de temor, antes consiste em uma imperiosa necessidade de conhecer o findar da vida, a aproximação da morte:

A angústia com a morte é angústia “com” o poder-ser-mais-próprio, irremissível e insuperável (...) Não se deve confundir angústia com a morte com o temor de deixar de viver. Enquanto disposição fundamental da presença, a angústia não é um humor “fraco”, arbitrário e casual de um indivíduo singular, mas sim a abertura do fato de que, como ser-lançado, a presença existe para esse fim. (HEIDEGGER, 2004 ; p. 33)

A angústia, de que nos fala o poeta e o filósofo, é revelada através da descoberta de si como ser temporal, sujeito ao evanescer do tempo; é angústia pela brevidade da existência, pela *“fugacidade de tudo; o mal, o bem, o engano, a vã riqueza”*, dos sonhos, dos amores, das ideologias. É, sobretudo, angústia de quem se sabe impotente diante do transcorrer do tempo.

No soneto *Da Amarga Reflexão* , W. Lopes convoca-nos a refletir sobre a morte pela perspectiva da transitoriedade. Alude a um contínuo *“sentimento de morte”* que acompanha toda a vivência humana como um *“signo fatal”*, irreduzível. Esse sentimento de morte apresenta-se como angústia; angústia, como foi dito antes, por tudo que se esvai e, finalmente, angústia pelo vazio, pelo nada, pois é o que restará quando tudo se for. O ser- próprio e o encontro no nada.

Na poética de Waldemar Lopes, o vazio, o nada, a ausência de tudo que lhe é mais caro e que lhe foi consumido pelo tempo, angustia o homem. A efemeridade do tempo torna passageira não apenas a existência do indivíduo, mas toda a realidade circundante a esse, restando “O vazio. O silêncio. O tédio. A chama / que o tempo, inexorável, apagou.” (LOPES, 2001; p. 174).

Em consonância com os versos waldemarianos, Heidegger em *Ser e Tempo* afirma que, “Na angústia, a presença se dispõe frente ao nada”, HEIDEGGER, 2004; p. 50). Em outro texto, “O que é Metafísica” in *Conferências e Escritos Filosóficos*, Heidegger tematiza o nada, a angústia e a existência:

a angústia manifesta o nada. (...) O nada se revela na angústia – mas não enquanto ente. Tampouco nos é dado como objeto. A angústia não é uma apreensão do nada. Entretanto, o nada se torna manifesto por ela e nela (...) na angústia deparamos com o nada juntamente com o ente em sua totalidade. (HEIDEGGER, 1999; p. 57).

O texto acima revela a proximidade entre a obra do pensador e do poeta no tocante à concepção de homem e mundo. Waldemar Lopes traduz em signo poético tais anseios e indagações.

O poeta compreende que o nascimento é um caminhar em direção à morte, como retrata os tercetos do *Soneto dos Setenta Anos*:

*Nos limites irreais da dimensão humana
o tempo se acomoda à vertigem da morte
e a lei do acaso impõe seu roteiro fatal.*

*Para o sim, para o não, o reino se engalana,
e, síntese de tudo o que valha ou importe,
brilha na área de sombra esta reta final. (2001; p. 99)*

No poema acima, Waldemar Lopes vê a morte como “*reta final*” da vivência humana e condiciona o tempo efêmero “*à vertigem da morte*”, tempo esse que arrasta consigo a tudo e a todos impondo “*seu roteiro fatal*”.

Ao pensar a morte, Waldemar a antecipa, tornando-a efetivamente real para si, em oposição ao pensamento corrente difundido na sociedade. De um modo geral o indivíduo não assume a angústia de conceber-se finito, e assim, aliena-se da necessidade de admitir-se como ser temporal e potencializar todos os aspectos referentes a si e a sua permanência no mundo.

O que não ocorre na poética de Waldemar Lopes, pois em seus versos o homem é instigado a viver uma existência autêntica, consciente de sua transitoriedade e por isso, vivida na angústia.

3.3 - O Tempo Transitório e a Experiência da Morte da Alteridade.

*O tempo é um milagre
A memória é um milagre
A consciência é um milagre.
Tudo é milagre.
Tudo, menos a morte.
- Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.*
Manuel Bandeira

A efemeridade do tempo desperta no indivíduo a necessidade de pensar a morte como algo inelutável e intrínseco a existência de todos os seres. Não obstante, é na morte do outro, que o tempo transitório que a tudo consome e desfaz, reverbera para o indivíduo a brevidade da vida e a certeza de que um dia sua existência findará.

Ao visualizar a morte do outro, o homem, que a todo momento evita pensar a morte, é impelido a conviver, mesmo que por alguns instantes, com a realidade desta. Restando a ele se assumir como finito, mortal, ou, alienar-se da condição de provisório no mundo. A esse respeito Heidegger esclarece-nos:

Esse ou aquele, próximo ou distante morre. Desconhecidos “morrem” dia a dia, hora a hora. “A morte” vem ao encontro como um acontecimento conhecido, que ocorre dentro do mundo.(...)

O “morre-se” divulga a opinião de que a morte atinge por assim dizer, o impessoal. a interpretação pública da pre-sença diz ‘morre-se’ porque com isso, qualquer um outro e o próprio impessoal podem dizer com convicção: mas eu não”.

A morte que é sempre minha, de forma essencial e insubstituível, converte-se num acontecimento público, que vem ao encontro no impessoal. (2004; p. 35)

O filósofo explicita de modo contundente como o contexto da morte dos outros é vivenciado sempre no impessoal, isso porque a morte que eu vejo, é sempre dos outros e não a minha. O impessoal é o “a gente”, (HEIDEGGER,

1999; p. 56) onde o indivíduo se esconde e se protege das intempéries da condição humana. Quando alguém '*inadvertidamente*' morre próximo, no impessoal, isto é, na condição de um entre muitos, nos alienamos de pensar a morte como constitutiva da existência, como algo concreto que iremos vivenciar. Para as pessoas em geral, todos morrem, mas sua própria morte é vista como um fato distante, inalcançável.

Desse modo, para a totalidade dos indivíduos, o fenômeno natural da morte é pensado apenas como experiência dos outros, enquanto a própria morte do indivíduo é convenientemente relegada, '*esquecida*'.

Segundo Heidegger, "*o impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte*" (2004; p. 36). Essa postura, segundo o filósofo, é a atitude dos indivíduos perante o findar da existência. Waldemar Lopes que fez do discurso poético exaustivo campo de reflexão e questionamento sobre a fragilidade da vida e a aproximação inevitável da morte.

Em *Cinza de Estrelas*, o poeta aborda tais temas, dentre eles citamos: *Soneto do fim* (p. 40); *Soneto do Desviver* (p. 47); *Soneto do Desencanto* (p. 76); *Soneto Vagamente Metafísico* (p. 77); *Soneto do Terrível Mistério* (p. 78); *Soneto da Derradeira Aspiração* (p. 80); *Soneto dos Setenta Anos* (p.99); *Lição Antiga* (p.102); *Da Estrela Renascente* (p. 115); *Soneto da Amarga Solidão* (p. 130); *Soneto para 11 de Setembro* (p. 131); *Lei do Acaso e da Vida* (p. 161); *Nas Mãos da Morte* (p. 163). Dentre esses analisaremos o *Soneto Vagamente Metafísico*, *Soneto da Amarga Solidão* e o *Soneto para 11 de Setembro*, por haver neles reflexões fundamentais sobre o '*pensar a morte*', a fugacidade da vida e a experiência da morte do outro.

Soneto Vagamente Metafísico

*Quem não cantou da vida a pompa fútil,
nem as glórias efêmeras, agora
louve da morte o dom (útil? desútil?)
de acender no eu recôndito a outra aurora*

*da ambígua infinitude. (A alma elabora
nexos de vida e morte, e essa inconsútil
trama que à luz do tempo se evapora
na essência do mistério é sombra inútil.)*

*Mas nos ciclos de fim e recomeço
- sim e não, tudo e nada, morte e vida -
Há um prêmio maior a ser logrado:*

*Se o degredo no eterno tem seu preço,
A dádiva final da sobrevida
Menos valha o vivido que sonhado.*

(LOPES, 2001; p. 77)

Waldemar Lopes, nos diz que já cantamos as pompas muitas vezes fúteis e ocas à vida, mas o pacto verdadeiro consiste em cantar a dor, a morte, canto (útil? desutil?) que faz nascer uma “*aurora*” na autenticidade do existir como ser-no-mundo. Os temas de *Soneto Vagamente Metafísico*, têm uma ressonância profundamente metafísica por tratar daquilo que é mais caro à existência humana.

Ciente de que tudo “*à luz do tempo se evapora*”, o autor alude à inter-relação da vida para com morte, enfatizando a existência de “ciclos de fim e recomeço/ - sim e não, tudo e nada, vida e morte”.

Waldemar Lopes remete ao conceito platônico de tempo cíclico, do eterno retorno, no qual todas as coisas estão sujeitas a um fim e recomeço, infinitamente. Os ciclos são cadenciados por ruptura e ‘re-união’. Desse modo, o “*degreço no eterno*”, não consiste apenas em aniquilamento do existir, significa o próprio ciclo do viver.

Ao refletir sobre a morte e como o indivíduo posiciona-se perante esta, o poeta aborda a experiência fundamental da morte dos outros como compreensão da finitude, revelando a partir daí, a identidade do sujeito enquanto ser-no-mundo e ser-para-o-fim. É com extrema lucidez que o filósofo francês Emmanuel Levinas explicita acerca do tema:

La muerte del otro que muere me afecta en mi propia identidad como responsable, identidad no substancial, no simple coherencia de los diversos actos de identificación (...) El morir, como morir del otro afecta a mi identidad como Yo, tiene sentido en su ruptura del mismo, su ruptura de mi Yo, su ruptura del mismo en mi Yo. (1993; p. 23-24).

A morte do outro afeta a identidade do indivíduo, pois houve uma ruptura em sua convivência com o próximo, logo, há uma ruptura em si; ao perder quem se ama perde-se também a si mesmo. Essa experiência da perda de alguém querido é retratada em dois dos mais belos sonetos waldemarianos, dedicados à sua falecida esposa Iracy, a saber:

Soneto para 11 de Setembro

*Amada: a luz do tempo incende e aclara
o caminho final, e é mais radiosa,
a face da memória, a mão piedosa
que abriu a porta estreita a senda rara.*

*Se a trama dos presságios leva para
a hostil desesperança, há sempre a airosa
estrela – no seu vôo, irmã da rosa:
eterna porque bela –, inda que a avara*

*bênção da noite ensombre os chãos. Agora,
um sentimento místico – a saudade –
é uma íntima oferenda a ti devida;*

*acendem-se outra vez brilhos de aurora
nessa presença irreal de eternidade
do que é fugaz: o amor, o sonho, a vida.*

(2001; p.131)

No *Soneto para 11 de Setembro*, Waldemar Lopes expressa no discurso poético a dor e a saudade de perder quem se ama, nesse caso sua esposa, a sra. Iracy Ipirapoan Lopes, companheira inseparável por mais de 50 anos, falecida em Março de 1990. Convém observar que o título do soneto é uma alusão à data do aniversário da sra. Lopes, resultando em um texto impregnado de amor e saudade.

Num canto que une a tristeza da perda à saudade do amor, o poeta evoca a amada, e com ela parece refletir sobre o tempo fugaz que nos impele ao “*caminho final*”. Não obstante ser o tempo causador de tanto sofrimento, é também por ele que se ilumina a esperança, pois ficou no tempo passado todas as lembranças “*que a saudade eternizou*”, sendo “*a face da memória*” a chave para essa “*senda rara*”, em que consiste a rememoração.

Waldemar Lopes denomina a saudade de “sentimento místico”, visto que é na recordação suscitada por ela, que o indivíduo retorna ao passado, de onde “*os mortos acenam e estão vivos*” (LOPES, 2001; p. 62).

Ao experienciar a morte de alguém querido, o poeta toma consciência da transitoriedade de tudo, e sobretudo a nossa, “*servos do transitório*” (LOPES, 2001; p. 129), e assim compreende que o amor, o sonho e a vida que parecem infinitos quando vivenciados intensamente, consistem em “*presença irreal de eternidade*”, pois tudo é fugaz.

A ausência do outro amado, no caso a esposa do poeta, além da consciência de sua própria morte, gera nele o sentimento de culpabilidade, como afirma Levinas “*culpabilidad de superviviente*”, visto que o ‘sobrevivente’ não concebe a existência sem a pessoa amada, julgando que seria melhor ter morrido e o morto sobrevivido. Waldemar Lopes ilustra essa postura diante do cessar da existência de alguém amado, em um comovente texto onde a saudade se coaduna com a solidão:

Soneto da Amarga Solidão

*Anjo da morte, quanto desatino!
A tua mão cruel, e equivocada,
pousou no ombro de quem – desde eu menino –
entre as amadas foi a mais amada.*

*Agora, é noite espessa o sol a pino;
Escuro, o brilho rubro da alvorada,
pois, no âmago do ser, dobres de sino
dão tons de luto à vida esvaziada.*

*E tanto, anjo da morte, no alvo erraste
que a poesia emudece a voz esquiva
e a nau do sonho perde a rota e o porto.*

*Toda a visão do real é um só contraste:
a que morta se foi – deve estar viva,
o que vivo ficou – esse é o morto.*

(2001; p. 130)

Waldemar Lopes, num dos textos mais belos da literatura brasileira, interpela a morte representada na figura mítica conhecida por “*Anjo da morte*”, atribuindo a esse, através da personificação o equívoco de “*pousar*”, isto é, abater-se sobre sua amada.

Ao empregar em seu soneto antíteses e paradoxos, o poeta evidencia os aspectos contraditórios da vida e da morte num jogo incessante que se desdobra na solidão de existir e saber-se finito. Ele analisa a solidão, a dor, a perda na morte do outro, em consonância com Heidegger que afirma “*A morte se desentranha como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam.*” (HEIDEGGER, 2004; p. 19) .

Para aquele que ficou resta a “*vida esvaziada*”, esvaziada pelo tempo que a tudo corrói, esvaziada pela morte que a ninguém poupa. “*A morte da pessoa querida*”, observa o ensaísta Octavio Paz, numa singular declaração sobre a temporalidade e o findar da existência, “*confirma nossa condenação: somos tempo, nada dura, e viver é um contínuo separar-se;*” (2001; p. 130).

Na separação ocasionada pela morte, o amante ‘sobrevivente’ perde sua identidade, sente-se incapaz de enfrentar a vida, sente-se como morto. É o que nos revela o terceto final do poema acima onde Waldemar Lopes retoma um tema recorrente em sua poética, a saber, o real, o vivido valer menos que o sonhado, o desejado “*a que morta se foi – deve estar viva, / o que vivo ficou – deve estar morto.*”

Fiquemos, pois, com a voz de Octavio Paz que ao fim de sua obra *A Dupla Chama – Amor e Erotismo* nos diz:

O amor não vence a morte: é uma aposta contra o tempo e seus acidentes. (...) O amor não é a eternidade; tampouco é o tempo dos calendários e dos relógios, o tempo sucessivo. O tempo do amor não é grande nem pequeno: é a percepção instantânea de todos os tempos num só, de todas as vidas num instante. Não nos livra da morte, mas nos faz vê-la cara a cara. (2001; p.196).

CONCLUSÃO TEMPORÁRIA

A composição literária de Waldemar Lopes é constituída por uma elaboração estética singular no modo de apresentar o tempo. Sua criação poética não apenas efetua-se no tempo, mas sua essência é temporal; o tempo é simultaneamente fonte e produto do seu tecer literário.

Waldemar Lopes concebe a temporalidade como inerente ao ser humano, indissociável de sua condição de *ser-estar* no mundo. Para Waldemar, o homem é temporalidade, sendo essa concepção análoga à defendida pelo filósofo alemão M. Heidegger em *Ser e Tempo*, e sua existência é direcionada pelo tempo; todos seus sonhos, projetos, ideologias e realizações são pensados à luz do tempo.

Na obra em análise *Cinza de Estrelas*, o poeta investiga como o tempo, difundido em múltiplas nuances, atua na formação da identidade do indivíduo, transformando sua relação com o outro, com o mundo que o circunda e com a existência breve, reconhecendo a si próprio como ser temporal e finito.

Ciente de sua falibilidade e do inexorável transcorrer do tempo, o poeta sente necessidade de reviver o passado, bem como, rever paisagens, pessoas e situações que existem apenas na memória. É através da rememoração que o passado emerge frente ao poeta, restaurando todo um manancial de experiências pertencentes há um tempo perdido, seja o período encantado da infância, sejam momentos compartilhados por pessoas e lugares que não mais existem, lembranças preciosas transfeitas em discurso poético.

O tempo passado apresenta-se como constituinte de sua arte e representa mais que um simples tema; é condição necessária ao seu fazer poético. O poeta acredita, assim como Mendilow, que desvendar o enigma do tempo é compreender o tecer literário, desvelando não apenas o ser-da-poesia (essência poética), mas, sobretudo o ser-do-homem.

As reminiscências atuam como substrato de sua criação poética. Para Waldemar Lopes a recriação do passado pela memória constitui a própria essência da arte literária, “*O espírito da infância*” (2001; p. 176) sublima-se em “*fonte de poesia*” (ibidem).

Sob a égide das recordações, a infância - “*aura da aurora*” (2001; p. 51) é restaurada com a densidade do presente. Há uma presentificação nos versos de Waldemar Lopes, isto é, as experiências e situações há muito vivenciadas ressurgem no presente sob a perspectiva do indivíduo hoje.

Constata-se também na poesia waldemariana, a presença do tempo experiencial, denominado pelo autor de subjetivo, relativo a experiências vivenciadas ou imaginadas que se fixam na memória do sujeito, e assumem status de lembranças, não havendo distinção entre o que foi de fato concretizado e o sonhado.

Outro aspecto temporal relevante para a poética do autor em questão, é a noção de tempo efêmero, seja pela recorrência, seja pela densidade e vigor com que é abordada pelo poeta. Todo seu discurso é marcado pelo signo do provisório, o poeta reconhece que em tudo há um evanescer direcionando a existência a finitude.

A consciência da finitude é inerente ao homem. Em toda sua vivência o indivíduo é envolvido por um “*sentimento de efêmero*” que governa suas ações, seu discurso e seu próprio existir. A transitoriedade é a própria condição humana, e conscientizar-se disso é abrir-se a uma vida plena em conhecimento de si e do mundo que o envolve. Esse é o discurso encerrado na poética Waldemariana, isto é, o reconhecer-se como ser transitório, como *ser-para-a-morte*, em linguagem heideggeriana, possibilita ao homem o legítimo sentido de sua existência, a desvelar sua própria identidade.

Compreender-se como ser temporal é saber-se mortal. A morte não vem ao encontro do homem, mas é intrínseca ao viver, “*já na essência da vida a consciência da morte*” (2001; p. 115), é o que expressa o poeta Waldemar Lopes em versos de intensa reflexão sobre o findar da vida, contrariamente ao senso comum que evita pensar a morte, e a encara como algo distante, que não diz respeito à experiência cotidiana.

O poeta não apenas reflete sobre a morte como acontecimento universal, mas aborda a morte de alguém querido, o que é extremamente doloroso, vivenciando de modo singular a perda do outro, atitude esta que desnuda sua própria transitoriedade enquanto ser no mundo.

Ao experienciar a morte do outro, o homem depara-se com a finitude do outro, e isso o lança na dor da perda, dor da ausência. Já na angústia, que é o encontrar-se do homem como ser só, absolutamente separado e finito, ao tornar-se consciente disso, percebe a morte, não apenas como a finitude dos outros, mas que ele próprio é mortal e que a morte, desde sempre devora-lhe os instantes enquanto lhe dá como prêmio o existir.

O poeta Waldemar Lopes apreendeu em versos mais que a temporalidade, capturou a mais pura essência humana. Seus sonetos não apenas desvelam o enigma do tempo, mas levam-nos a descoberta de nós mesmos, como seres finitos e angustiados diante da imensidão da existência.

BIBLIOGRAFIA

1.0 DO AUTOR

1.1 POESIA

LOPES, Waldemar. *A Flor medieval*. Recife: Editora Comunicarte, 1996.

_____. *As Dádivas do Crepúsculo*. Recife: Editora Bagaço, 1996.

_____. *Cinza de Estrelas*. Recife: Editora Livros de Amigos, 2001.

_____. *Elegia para Joaquim Cardoso*. Rio de Janeiro: Edições Cadernos da Serra, 1979.

_____. *Inventário do Tempo*. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1974.

_____. *Legenda*. Recife: Tipografia ideal, 1929.

_____. *Memória do Tempo – Cento e Três Sonetos*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1981.

_____. *O Jogo Inocente – Alexandrinos com Dedicatórias*. Rio de Janeiro: Edições Cadernos da Serra, 1979.

_____. *Sonetos de Portugal*. 2 ed. Recife: Editora Comunicarte, 1995.

_____. *Sombras da tarde*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1999.

_____. *Inventário do Tempo*. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1974.

_____. *Os Pássaros da Noite*. Brasília: Clube da Poesia de Brasília, 1974.

_____. *Sonetos de Despedidas*. Brasília: Clube da Poesia de Brasília, 1976.

_____. *Sonetos de Natal*. Rio de Janeiro: Edições Cadernos da Serra, 1977.

_____. *Soneto do Tempo Perdido*. Rio de Janeiro: Editorial Palmares, 1971.

1.2 POEMAS EM ANTOLOGIAS

APL. *Presença Acadêmica – Notas Bibliográficas e Textos em Prosa ou em Verso dos Quarenta Titulares do Quadro Efetivo da APL*. Recife: Edições Edificantes, 1993.

BANDEIRA, Manoel (Org.). *Antologia dos Poetas Bissexto Contemporâneos*¹. Rio de Janeiro, 1967.

LOPES, Waldemar (Org.). *Elogio do Amor*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1999.

LOPES, Waldemar (Org.). *Em Louvor das Marias*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1999.

SILVA, Oliveira (Org.). *Coletânea de Poetas Pernambucanos*². Rio de Janeiro, 1951.

1.3 TRADUÇÃO

MARINI-RIOS, Carlos. *Canto à Brasília*. Tradutor Waldemar Lopes. Brasília: Clube da Poesia de Brasília, 1973.

1.4 OBRAS ENSAÍSTICAS

FUNDAJ (Org.). *Gilberto Freire e Waldemar Lopes – Pernambucanidade Consagrada*. Recife: Massangana, 1987.

LOPES, Waldemar. *Austro – Costa, Poeta da Província*. Recife: UFPE, 1970.

_____. *A Arte de Agradecer e o Elogio do Livro*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1999.

¹ Não foi encontrada referência à editora.

² Não foi possível encontrar a editora que realizou tal publicação.

_____. *Algumas Reflexões sobre Ruy, Internacionalista*. Recife: Editora Livros de Amigos, 2000.

_____. *Amando Fontes: a Linha da Vida, o Perfil da Obra*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1995.

_____. *Austro – Costa, no Centenário de seu Nascimento*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1999.

_____. *Menino da Beira do Rio Pirangi, Deixa o Mundo Encantado da Fazenda Novo Horizonte e Vem para a Casa de Carneiro Vilela*. Recife: Editora Livros de Amigos, 1999.

_____. *Waldemar de Oliveira, Companheiro de Jornal*. Recife: Editora Livros de Amigos, 2001.

2.0 SOBRE O AUTOR

MENEZES, José Rafael de. *A Geração de 45 em Perfis*. Recife: Editora Universitária, 1993.

_____. *Waldemar Lopes e Outros*. Recife: Editora Comunicarte, 1997.

3.0 BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRÃO, Bernadete Siqueira. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. *Física*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

_____. *Obras*. Madrid: Aguillar, 1977.

ASQUIN, T. F. *O Problema do Tempo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

- BACHERLARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BANDEIRA, Manuel. *Seleta em Prosa e Verso*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Tradução Jamil Almansur Haddad. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- BERGSON, Henri. O Pensamento e o Movente: introdução in *Cartas, Conferências e Outros Escritos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- _____. *Bergson*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BORGES, Maria de Lourdes. *História e Metafísica em Hegel – sobre a noção de espírito do mundo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- CASTAGNINO, Raul. *Tempo e Expressão*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- COHEN, Jean. *Estrutura da Linguagem Poética*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. *Plenitude da Linguagem – Teoria da Poeticidade*. Coimbra, Livraria Almedina, 1987.
- COMTE-SPONVILLE, André. O Ser-Tempo. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DOCTORS, Márcio (Org.). *Tempo dos Tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DOMINGUEZ, Ivan. *O Fio e a Trama: Reflexões sobre o Tempo e a História*. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- DUFRENNE, Mikel. *Estética e Filosofia*. Tradução Robert Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

ESTEBAN, Claude. *Crítica da Razão Poética*. Tradução Paulo Azevedo Neves Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERNANDES, José. *O Poeta da Linguagem*. Coleção Atualidade Crítica. Rio de Janeiro: Presença, 1993.

FERREIRA, Lúcio. *Linhas do Tempo – Haicais*. Recife: Editora UBE – Pe, 2002.

_____. *As Duas Extremidades da Luz*. Recife: Editora UBE – Pe, 2001.

HAWKING, Stephen. *Une Brève histoire du Temps*. Tradução Francesa. França: Flamarion, 1989.

HEGEL, George W. Friedrich. *Estética*. Tradução Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1958.

_____. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, MARTIN. *Ser e Tempo – Parte I*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *Ser e Tempo – Parte II*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Coleção Os Pensadores. Tradução e Notas Enildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

HOLANDA, Lourival. A Inscrição do Tempo na Literatura In JOACHIN, Sébastien. (Org.) *O Espaço – Tempo na Literatura & nas Ciências Humanas*.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas – Sexta Investigação (Elementos de uma elucidação Fenomenológica do Conhecimento)*. Coleção Os Pensadores. Tradução Zeljko Loparić. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *Conferências de Paris*. Lisboa: Edições 70, 1992.

INGARDEN, Roman. *A Obra de Arte Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. *Dios, la Morte y el Tiempo*. Madrid: Catedra, 1994.

LÔBO, Isamar. *O Tempo Presente na Obra de Eric Hobsbawm*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2003.

MENDILOW, Adam. *O Tempo e o Romance*. Tradução Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

MERLEAU - PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEYERHOFF, Hans. *O Tempo na Literatura*. Tradução Myriam Campello. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1976.

NUNES, Benedito. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Heidegger – Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. *Passagem para o Poético – Filosofia e Poesia em Heidegger*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

PAZ, Octavio. *A Dupla Chama – Amor e Erotismo*. Tradução Wladir Dupont. 5 ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

PIETRE, Bernard. *Filosofia e Ciência do Tempo*. Tradução Maria Antônia P. Figueredo. São Paulo: Edusc, 1997.

PLATÃO. *Diálogos – Timeu – Crítias – O 2º Alcebiades – Hípias Menor*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1977.

PLOTINO. Tratado das Enéadas. Tradução Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.

PLOTINO. *Ennéades – III, 7*. Tradução E. Bréhier. Paris: Les Belles lettres, 1924.

POUILLON, Jean. *O Tempo no Romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.

PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido – O Tempo Redescoberto*. Coleção Nobel. Tradução Lúcia Miguel Pereira. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

PUNTES, Fernando Rey. *Os Sentidos do Tempo em Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2001.

REHFELD, Walter. *Tempo e Religião*. São Paulo: Perspectiva . Editora Universidade de São Paulo, 1998.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo II*. Tradução Mariana Appenzella. São Paulo: Papirus Editora, 1995.

_____. *Tempo e Narrativa – Tomo III*. Tradução Roberto Leal. São Paulo: Papirus Editora, 1997.

RILKE, Rainer Maria. *Livro das Horas*. Tradução Geir Campos. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.

SEGRE, Cesare. *Estrutura e o tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

SOUZA, Carlos César Mascarenhas. *O Sujeito Pulsional & a Letra: Uma Possibilidade de Leitura do Texto Literário*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1998.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da Poética*. Tradução Celeste Aída. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

TODOROV, Tzvetan. *Poética*. Tradução Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, 1986.

ANEXOS

SONETO DO FIM

*Não a rosa na pedra. Só a austera
Desesperança; e, nela, a ineuxaurida
Visão do que em si mesmo si dilacera
O tênue fio que une à morte a vida .*

*Não o lume do mármore. Ainda a espera
Entre o ser e o não-ser, indefinida
Antemanhã de oculta primavera
À luz do tempo: seiva, sol, medida*

*Para as searas do verbo; e a ressonância
Do secreto clamor, voz encantada
Dos sonhos imaturos, dor dainfância.*

*Nem a flor, nem a chama. Só importe
Do íntimo da palavra descarnada
O frêmito da vida (também morte).*

(LOPES, 2001; p.40)

SONETO DO DESVIVER

*O fio distendeu-se em tempo e acaso
(também vida quem sabe?) E os dias e anos
dilataram-se no equívoco do prazo
a trama (ir)real de enganos desenganos.*

*Claro trilho no barro? Antes, o raso
E escuro desviver, fluir de danos:
A seiva matinal (signo do ocaso)
Transcendida nos limbos ultra-humanos*

*De um eterno devir. A face obscura
Quase à luz do mistério (e inda a esquivaça
De abrir o véu do ser e do não-ser).*

*Alto prêmio, a sentença? Em tarde pura
Talvez um pensamento, a flor/lembrança
Frágil, breve e impossível de colher.*

(LOPES, 2001; p. 47)

SONETO DO DESENCANTO

*Na trama dessa angústia entrevivida,
Lágrimas e suor, sangue dos dias
Nos litígios do ser, justa medida
Da alma grande ou pequena. Alegorias*

*Sob o fogo dos mitos: a perda
Surpresa de inventar, dom de magias
Na gênese da espera, transfundida
Em símbolo de ausência, ou fantasias*

*Daquela idade clara em que se é conde
E em comarcas de azul nítido vaga
Um estranho castelo que não rui.*

*Agora, se alma às nuvens reindaga,
Só o vazio em vão responde:
_ Viver não acrescenta diminui.*

(LOPES, 2001; p.76)

SONETO VAGAMENTE METAFÍSICO

*Quem não cantou da vida a pompa fútil,
Nem as glórias efêmera, agora
Louve da morte o dom (útil? desútil?)
De acender no eu recôndito a outra aurora*

*Da ambígua infinitude. (A alma elabora
Nexos de vida e morte, e essa inconsútil
Trama que à luz do tempo se evapora
Na essência do mistério é sombra inútil.)*

*Mas nos ciclos de fim e recomeço
- sim e não, tudo e nada, morte e vida –
há um prêmio maior a ser logrado:*

*se o degredo no eterno tem seu preço,
à dádiva final da sobrevida
menos valha o vivido que o sonhado.*

(LOPES, 2001; p.77).

SONETO DO TERRÍVEL MISTÉRIO

*Sentimento do tempo: ei-lo presente
A dor do mundo, em signo convertida
Desfaz o sonho; e a âncora da vida
Retém do que passou a aura inclemente.*

*Sombra de cinza do hoje/antigamente,
A ânsia que se exauriu, ida e vivida
Nos limites do ser, é luz perdida
Sem azuis de horizonte mais à frente.*

*O véu da noite – vede – vem caindo
Sobre as veredas da alma. Tudo é findo:
As remotas visões já se consomem*

*Por entre os filtros do silêncio grave.
(Ó mistério! Que guarda a tua chave?
Quem há de amenizar a angústia do homem?)*

(LOPES, 2001, p.78)

SONETO DA DERRADEIRA ASPIRAÇÃO

*Cumpre estancar o sangue da palavra.
Tudo foi dito. Os ecos infinitos
estão a ressoar na estranha lavra
de tédio e angústia, em chãos sempre interditos.*

*Sobre a face dos ídolos e mitos
cai o manto de sombra. (O tempo agrava,
na profundez do ser, o ônus dos ritos
de aceitação.) só de si mesma escrava,*

*a alma vê apagar-se o antigo fogo
do gosto de viver – chama fugaz.
roto o véu da esperança, é findo o jogo.*

*Dói o enigma da vida bem mais vivo
se morta a luz do sonho. (Reste a paz
do silêncio final, definitivo.)*

(LOPES, 2001; p. 80)

SONETO DOS SETENTA ANOS

*Nos espelhos do mundo, a face estranha e vária.
Que o degredo interior o olhar em vão rebusca
Se a imagem reinventa a rota imaginária,
Se a luz da estrela é sempre essa mensagem brusca?*

*Da álgebra da magia e equação solitária
Projeta sobre a vida um mistério que ofusca
Os enigmas de tudo; e é riqueza precária
O anseio de infinito a exaurir-se na busca.*

*Nos limites irrealis da dimensão humana
O tempo se acomoda à vertigem da morte
E a lei do acaso impõe seu roteiro fatal.*

*Para o sim, para o não, o reino se engalana
E, síntese de tudo o que valha ou importe,
Brilha na área de sombra esta reta final.*

(LOPES, 2001; P.99)

LIÇÃO ANTIGA

*Entre as filas de verde um homem vem e vai
Na moldura rural, o seu vulto pequeno
Sob o capote escuro. Esse vulto é o do Pai,
A irrigar o pomar, no aclave do terreno.*

*Facho desfecho, o sol sobre a paisagem cai
E a água rebrilha, branca. O céu, azul-sereno,
Faz-se um canto de luz que flutua e se esvai
Na asa leve da brisa. O dia esplende, pleno.*

*E tudo o pai esquece, a regar as raízes:
A vida quase ao fim, o corpo a definhar,
A insônia, a tosse rouca, a febre, as hemoptises.*

*Seu legado será esta lição perfeita:
Se a morte se aproxima, é tempo de plantar
Outros farão depois a colheita.*

(LOPES, 2001; p.102)

DA ESTRELA RENASCENTE

*Vibre no ar de magia o festivo alarido.
Vivo. O sopro do tempo acenda a selva escura.
Sobre o lodo e o soluço uma estrela fulgura,
Pois no íntimo do ser o Menino é nascido.*

*Dádiva de si mesmo, é seiva da criatura,
Em torva noite da alma o lume inextinguído,
Sonho da perfeição, nascido e transvivido
Para ao homem suster na dúplice aventura*

*(entre a argila e o cristal. E eis agora mais reta
a transfiguração da frágil realidade
que o espírito impõe sua marca secreta.*

*Já na essência da vida a consciência da morte
Reaviva, bem nítido , o elo da verdade
No que o acaso constrói como estradas sem norte.)*

(LOPES, 201; p.115)

SONETO DA AMARGA SOLIDÃO

*Anjo da morte, quanto destino
A tua mão cruel e equivocada,
Pousou no ombro de quem – eu desde menino –
Entre as amadas foi a mais amada.*

*Agora, é noite espessa o sol a pino;
Escuro, o brilho rubro da alvorada,
Pois, no âmago do ser, dobres de sino
Dão tons de luto à vida esvaziada.*

*E tanto, anjo da morte, no alvo erraste
Que a poesia emudece a voz esquiva
E a nau do sonho perde a rota e o porto.*

*Toda a visão do real é um só contraste:
A que morta se foi – deve estar viva,
O que vivo ficou – esse é o morto.*

(LOPES, 2001; p.130)

SONETO PARA 11 DE SETEMBRO

*Amada: a luz do tempo incende e aclara
O caminho final, e é mais radiosa,
À face da memória, a mão piedosa
Que abriu a porta estreita à senda rara.*

*Se a trama dos presságios leva para
A hostil desesperança, há sempre a airosa
Estrela – no seu vôo, irmã da rosa:
Eterna porque bela - , inda que avara*

*Bênção da noite ensombre os chãos. Agora,
Um sentimento místico – a saudade –
É íntima oferenda a ti devida;*

*E acendem-se outra vez brilhos de aurora
Nessa presença irreal de eternidade
Do que é fugaz: o amor, o sonho, a vida.*

(LOPES, 2001; p.131)

LEI DO ACASO, LEI DA VIDA

*No chão do acaso ocultam-se aguçadas
As setas do imprevisto. E das alturas
São por mãos poderosas atiradas
Sobre o espírito e o corpo das criaturas.*

*A vida é simples trama de aventuras,
Para o bem, para o mal. São engendradas
Por ti, ó lei do acaso, por que procuras
Manter inserto o rumo das estradas.*

*Aos escravos do tempo é sempre inútil
A eterna indagação: de onde? para onde?
O silêncio é sempre a resposta vã.*

*Baste ao homem saber que a inconsútil
Imagem da verdade arde e se esconde
Sob o esplendor de auroras do Amanhã.*

(LOPES, 2001; p. 161)

NAS MÃOS DA MORTE

*Cai o silêncio escuro. Em pólos da alma
A dor da noite esconde as mais radiosas
Flores do céu. Os ecos do vivido
Vêm choro das águas, à distância.*

*Espesso véu de treva a sombra espalma
Sobre os caminhos mortos. Silenciosas
Imagens do passado, ou do perdido
Tempo em que foi tão bela a flor da infância.*

*Tudo é pó e memória. Está na essência
das coisas: a alegria é também triste.
No mar do acaso sempre falta um norte.*

*Isso resume o drama da existência.
(Mas no espírito, a dúvida persiste:
que a vida nos trará, nas mãos da morte?)*

(LOPES, 2001; p.163.)